

1930 - XVII

1930 - 17

13

REVISTA DO CENTRO MATO-GROSSENSE DE
LETRAS

ANO: 1930 – ANO: XVII - Nº 17

3.000



D. BOSCO E A DEMOCRACIA

Conferencia realizada por S. Ex. Rev^{ma}. o Sr.
D. Francisco de Aquino Corrêa, Arcebispo de Cuiabá, na Ses-
são Especial, com que o Instituto Historico e Geographico Bra-
sileiro commemorou, a 30 de outubro de 1929, a beatificação
do Fundador da Congregação Salesiana.



Senhores:

Tenho para mim que um dos acontecimentos mais suggesti-
vos da historia, maximé nos tempos modernos, seja esse, que peri-
odicamente se reproduz sob a cupola de ouro da basilica de S.
Pedro em Roma: a apotheose dos heroes no pantheão da Igreja
Catholica.

Para bem comprehendel-o, reflecta-se, desde logo, em que se
não trata ahi da consagração fácil das legendas, a florir na phan-
tasia fertil de romancistas e poetas. Nem se entende, tão pouco,
ahi o heroismo, qual nol-o herdou com o vocabulo, a mentalida-
de grega, que embora acertasse no considerar o heróe um semi-
deus, errava, de facto, assemelhando-o necessariamente a falsos
deuses, cuja perfeição, no seu absurdo conceito, se compadecia
com as mais reles paixões e vicios humanos.

Muito outra, muito mais perfeita e sublime, é a nrção do hero-
ismo na moral evangelica. Os heróes christãos, estesé que bem se
poderiam chamar de semideuses, isto é, homens q
taram ao verdadeiro Deus, e mais se lhe parecem, bilidade theologi-
póde mesmo applicar a arrojada palavra dos Psalmdinaria autoridade,
ses. *Dii estis.* quem quer que at-

Tanto differe, pois, dos heróes mythicos o c, o qual, no caso
falsas divindades a unica verdadeira. Assim é sendo sido a perso-
gãos, e em geral, os que o mundo sagra, offe
tadas ethopéas, um triste amalgama de gr
s e fraqueza, que os leva a trocar, nã

phal dos Hercules, pelo fuso vergonhoso das escravas de Omphala nas recamaras reaes e voluptuosas da Lydia.

O heróe do christianismo, ao revés, é uma obra prima de perfeição moral, em toda a sua integridade; porquanto o character christão é um conjunto tão harmonico de virtudes, que em faltando uma só, desaparece o todo, de accôrdo com a razão metaphysica, profunda e universal, expressa no conhecido aphorismo: *Bonum, ex integra causa, malum autem ex quocumque defectu.*

Nem basta que as virtudes, tanto moraes como theologaes, as tenha elle praticado como o demais dos homens: requer-se em todas um grau realmente heroico, isto é, superior ao commum dos justos, o que faz d'elle, na significação verdadeira da famosa palavra, um superhomem. E esta superioridade, consoante a doutrina do Divino Mestre, só tem por limites, como sabeis, a mesma perfeição divina; "Sêde perfeitos, disse Elle, como perfeito é o vosso Pae celeste."

O PROCESSO DAS APOTHEOSES

Taes são os heróes, que a Egreja reconhece e canoniza, ao cabo de verdadeiros processos, rigorosos e longos, que se instauram na diocese competente, e se reinstauram na Curia Romana; processos, que duram normalmente dezenas de annos, e por vezes, seculos; processos, em que não entram sympathias, pouco valem elogios, e as antecipações são contraproducentes; processos, emfim, em que o proprio inferno tem o seu advogado, e nada se conclue; sem que o Céu lhes haja posto a firma authentica dos milagres: *verba signorum suorum.*

Depois que o candidato á gloria dos altares, sahiu victorioso de tantas provas, só depois de tudo isso, é que Roma, finalmente, mas tambem definitivamente, o propõe como typo e modelo, impondo ao mesmo tempo o seu culto a todos os povos e a todos os seculos. Dá-se então uma verdadeira apothese, maior aproximação do homem á divindade, glorificação como não ha outra sobre a terra, triumpho realmente romano, no seu vago catholicismo, a saber, universal no tempo e no espaço, e no vulgores de um capitolio, que jamais conheceu re-

ora, Senhores, se não é esse, em verdade, um vilhoso a nossos olhos. Vêde o mundo, como se fez mais, em materializar a vida humana sobre o homem aos problemas solennes dos seus problemas, engolfal-o nas preocupações mesqui-

do ouro e das rosas ephemeras. Vêde-o sempre mais empenhado em descoroar a mulher, do que tem ella de verdadeiramente bello, para transformal-a num animal gracioso, como diria Dante, coberto de pouquissimas roupas, muitas joias e muitissimos arabiques. Vêde-o, em summa, apostado em converter numa como ansa pagã de satyros e bacchantes, a peregrinação sagrada e grave da humanidade, para o mysterio sombrio do além-tumulo.

Mas eis que em meio a toda essa civilização falsa e petulante, uma voz se faz ouvir; voz, que seria a mais anachronica possivel, se não fôra eterna; voz, que é um eco do sermão da montanha, bradando ao mundo que os seus heróes são bastardos, que o typo idéal do feliz, não é esse por elle sonhado, senão o pobre e humilde, o casto e abnegado, o obediente até a morte de cruz, á semelhança do Filho de Deus, que exactamente nas humilhações supremas da sua Paixão e Morte, fôra apontado a todas as gerações, como o prototypo divino do homem: *Ecce homo!*

Que empolgante, pois, não é a significação desses actos, pelos quaes a Egreja Catholica, principalmente desde os tempos de Urbano VIII, ha tres seculos, com uma frequencia de tres cada dois annos, vem proclamando á face do universo, em sentenças irrevogaveis, os lidimos heróes da humanidade, a galeria sacra e inviolavel dos legitimos representantes da grandeza humana!

NA "GLORIA DE BERNINI"

A uma dessas imponentes solennidades, é que venho de assistir, com animo commovido, aos esplendores liturgicos da Cidade Eterna. Não foi uma canonização, foi uma simples beatificação. Aquella, entretanto, como é sabido, se não distingue desta, senão pelo character dogmatico da proclamação e pela extensão do culto que confere; sendo que só na canonização se torna este universal, como só então, se reconhece cathedratica e infallivel a sentença, que o prescreve.

Com sêr destituida, porém, da nota de infallibilidade theologica, não deixa a beatificação de revestir extraordinaria autoridade, mais unica do que rara. Disto se convencerá quem quer que attente no processo, a que a mesma obedece, o qual, no caso vertente, durou nada menos de 39 annos, tendo sido a perso-

nalidade do heróe, ao longo de todo esse tempo, estudada e discutida na sua vida e nos seus feitos, por varões os mais eminentes em letras e virtudes, theologos, canonistas e peritos, á luz de documentos e testemunhos maiores que toda excepção. Ao termo de tão meticuloso exame, foi que a Santa Sé proferiu afinal o seu veredicto.

Estavamos a 2 de Junho ultimo. O maior templo do mundo regurgitava numa das suas maiores e magnificas enchentes. A cerimonia se desenrola no recinto da grandiosa abside, por onde o rito festivo se denuncia para logo, no sorriso medieval e discreto dos damascos e passamanes dourados da época dos Borgias.

Terminada a leitura do decreto, eis que no alto, sobre o altar, no retabulo de ouro, que a phantasia genial de Bernini sonhou como um halo de gloria, para os celicolas em Roma, resplandece no extase da visão beatifica, a figura hieratica do novo bema-venturado.

Dir-se-ia que um fremito mysterioso, um como sopro de Pentecostes, agitando impetuosamente os pannejamentos barocos das grandes estatuas, sacudisse a basilica toda, que vibrou no acorde unisono de 50 e tantos mil corações, com as notas alacres dos seus orgãos e dos seus sinos seculares.

No mesmo dia, á hora de vespas, ao clangor solenne das trompas de prata, o Soberano Pontifice ajoelhou-se tambem, deante da mesma aureolada imagem; e mais tarde, quando as sombras descera sobre a terra, a cupola maravilhosa de Miguel Angelo, illuminada phantasticamente, á guisa de phanal solitario na immensa noite do seculo, annunciava ao mundo a gloria do novo heróe do catholicismo.

E todas as linguas repetiram então o nome glorioso do Beato D. Bosco.

APOSTOLO DOS TEMPOS MODERNOS

E quem fôra D. Bosco? Facil não é resumir na brevidade classica de uma definição, toda a sua complexa individualidade; penso, porém, que se possa ella engastar convenientemente na concisão destes termos: um apostolo dos tempos modernos.

Não foi, pois, um anachoreta, nem um contemplativo; mas teve commum com os grandes propagandistas do christianismo, uma alma que tão bem se alcandorava no mysticismo tranquillo do sancta sanctorum, como se agitava no turbilhão fremente do mundo social e politico. Impellia-o, ou para usar o verbo sacro e forte de São Paulo,urgia-o aquella mesma actividade sobrenatural, que

transforma toda a alma do homem no zelo pela gloria de Deus e a salvação das almas: *charitas Christi urget nos*. Foi, na expressão mais pura e luminosa do termo sagrado, um apóstolo.

Mas o traço original e distintivo do seu apóstolado, foi a intuição genial, com que soube adaptal-o ás graves exigencias da era nova, que se abria, prenhe de surpresas, para a humanidade.

Nasceu D. Bosco no mesmo anno, em que Napoleão transmontava em Santa Helena, sem ter logrado, nem mesmo com o prestigio inconfundivel do seu genio e do seu gladio, desviar, de todo, o rumo á civilização moderna.

A democracia continuava a triumphar, como estrella d'alva intangivel na aurora do novo seculo, e o seu espirito ia dominar irrefreavelmente em toda a historia, como o pampeiro nas planuras infinitas do chaco americano. Era uma força indomavel, que irrompendo das camadas mais profundas da sociedade, aos éstos da Revolução, tudo sossobrara, como as aguas de um Nilo formidavel, inundando e destruindo, mas tambem, afinal, fertilizando. E os fastos dessa epocha, conforme já se disse elegantemente da obra de Michelet, transformaram-se numa como epopéa, cujo heroe fôra o povo.

Excessos houve, como ainda os ha, e sempre haverá: basta evocar aquelle tragico fim de seculo, cujas phases curtas e vertiginosas, culminando macabramente no Terror, ensanguentaram os poeticos mezes do calendario republicano; e basta contemplar hoje, em nossos proprios dias, os horrores bolchevicos da Russia contemporanea. Nem por isso, entretanto, deixa o phenomeno de ser altamente providencial, tal como a invasão dos barbaros e a conflagração européa, o diluvio e os terremotos.

Erro foi, e palmar, o dos que loucamente esperaram afundar no mesmo naufragio, o antigo regime e o catholicismo, um ao outro, no falso pensar delles, xiphopagamente unidos entre si, taes quaes dois irmãos siamezes.

Mas ao contrario, como bem ponderou alguém, a Igreja Catholica não se abraça a nenhum outro cadaver, que não o d'Aquelle, que nos deu, com a sua morte, a verdadeira vida.

E nós vimos que essa Igreja, assim com evangelizara, perfilhando-os espiritualmente, os barbaros, que mais pareciam fadados a esmagal-a, christianizou tambem a democracia, aproveitando para o bem da humanidade, as suas incomparaveis energias. E D. Bosco, Senhores, personifica, precisamente, este bello ideal moderno do christianismo, apóstolo, que foi, das justas aspirações democraticas do povo.

A VOCAÇÃO DO APOSTOLO

Deparou-lhe o céu, desde o berço, a melhor escola para a futura missão redemptora. Foi-lhe pátria a Italia, sempre a Italia dos versos de Virgilio, mãe fecunda de seáras e de heroes:

Salve, magna parens frugum, Saturnia tellus, Magna virum!

Veio elle ao mundo em 16 de Agosto de 1815, no pobre logarejo de Becchi, pouco distante de Castellonovo, naquella mesma terra de Asti, cujas tradições democraticas a musa de Carducci consagrou no epitheto, com que a define em uma das candentes estrophes saphicas da ode ao Piemonte: republicana.

Filho do povo, auscultou o seu immenso coração, sentindo-lhe toda a oceanica amargura. A sua adolescencia dormiu em miseros leitos, e nutriu-se do pão frugal dos camponezes. Foi pastor de gados, lavrou a terra, empregou-se de moço num botequim, aprendeu os mais humildes misteres do alfaiate, do sapateiro, do carpinteiro, e arcou, por fim, com incriveis difficuldades, para frequentar as primeiras aulas, antes de iniciar definitivamente, no seminario, o curriculo dos estudos.

Aos nove annos teve um sonho, em que se lhe descortinou, numa como visão prophetica, todo o programma da sua vida. Oçamol-o ao proprio D. Bosco, que, nas memorias escriptas por ordem expressa de Pio IX, assim noi-o deixou archivado.

“Pareceu-me, diz elle, estar perto de casa, num pateo espaçoso, onde se divertia uma multidão de meninos. Uns riam, outros brincavam, não poucos blasphemavam. Ouvindo aquellas blasphemias, atirei-me logo para o meio delles, applicando murros e palavras, que os fizessem calar.

“Naquelle momento, appareceu um homem venerando, idade viril, nobremente vestido. Um manto branco cobria-lhe todo o corpo: mas o seu rosto era tão luminoso, que eu não podia fital-o. Chamou-me pelo nome, e mandando-me collocar á frente daquelles meninos, accrescentou: “Não com pancadas, mas com a mansidão e a caridade, é que deverás conquistar estes teus amigos. Começa por fazer-lhe uma prélecção sobre a fealdade do vicio, e a belleza da virtude».

„Respondi-lhe que eu não passava de pobre e ignorante menino, incapaz de ensinar a quem quer que fosse. E quasi sem querer, perguntei-lhe: Mas vós, quem sois, que me ordenaes o impossivel?

—Exactamente porque te parece impossivel, é que debes tornal-o possivel com a obediencia e a sciencia.

—Mas onde e com que meios, poderei adquirir tal sciencia?

—Dar-te-ei a Mestra, que pode ensinar-te toda a sabedoria, e sem a qual, toda a sabedoria é tolice.

—Mas quem sois vós, que assim falaes ?

—Sou Filho d'Aquella, que tua mãe te ensinou a sauc^{er}ira
vezes ao dia.

—Minha mãe me ensinou tambem a não andar com gente, que não conheço : disse-me, pois, o vosso nome.

—Meu nome, pergunta-o a minha Mãe.

“Nesse instante, continúa D. Bosco, vi a seu lado uma Senhora de majestoso aspecto, trajando um manto, que resplandecia todo, como se fôra bordado de estrellas fulgidissimas. Vendo-me assim atarantado, fez signal que me approximasse, e tomou-me bondosamente pela mão.

—Olha ao redor de ti, disse-me Ella.

“Olhei: os meninos tinham desaparecido, e em vez delles, vi uma multidão de cabritos, cães, gatos, ursos e muitos outros animaes.

—Eis o teu campo: aqui deves trabalhar, disse-me a Senhora. Faze-te humilde, forte, robusto; e a transformação que vaes vêr agora nestes animaes, deverás operal-a nos meus filhos.

“Olhei de novo: e eis que em lugar daquelles animaes, vi outros tantos cordeirinhos, que pulavam e giravam, como que fazendo festas, ao redor daquelle Senhor e daquelle Senhora. Eu, porém, puz-me a chorar no somno, e pedi á Senhora me explicasse o que significava tudo aquillo.

“Ella, pousando-me a mão sobre a cabeça, disse-me :

— A seu tempo saberás”. E D. Bosco despertou.

VERDADEIRA DEMOCRACIA

Ahi tendes, Senhores, na simplicidade encantadora de um sonho infantil, todo um vasto plano de apostolado moderno.

A regeneração democratica da sociedade, que D. Bosco sonha, ha de começar pela alma das creanças, dos filhos do povo, dos garotos, a flôr vadia das ruas, de quem mais tarde escreverá Coppée, no seu lindo soneto:

*Jadis, du tablier de Sainte Elisabeth,
C'était une moisson de roses qui tombait ;
Aujourd' hui Don Bosco, qui d'abord, dans les fanges,*

*Ramassa les petits vagabonds de Turin,
Voit s'envoler, devant le Juge souverain,
De sa vieille soutane, une légion d'anges.*

Por aqui se vê, desde logo, que a democracia de D. Bosco não é política, senão, de todo em todo, religiosa. Nada tem que vêr com a demagogia arruaceira e agitadora. Não vae illudir o povo com as miragens de nenhum "sol do futuro", nem fascinal-o com a corôa abstracta e impalpavel de uma soberania, subordinada não raro a chefes e regulos.

Não pretende subverter a ordem social. Não se preocupa nem mesmo com fórmãs de governo. Não fará jamais como os Rabagas de todos os tempos, que explorando o povo, servem-se dos seus hombros generosos, para a escalada facil das posições e das riquezas. Será voluntariamente pobre até á morte, como um trabalhador e um proletario. Ouvirá da bocca de sua mãe, esta ameaça heroica: "Se ficares rico, não porei o pé em tua casa".

A falsa democracia começa por arrancar a fé ao coração do povo, e revoltando-o contra tudo e contra todos, permuta-lhe por vãs chimeras, a unica esperança, que, no dizer da Biblia, é cheia de immortalidade. D. Bosco, ao invés, faz da religião a base essencial de toda a sua escola. Elle quer que o povo se compenetre sempre mais, da verdade, tão inaudita quão infallivel, daquellas palavras dos evangelhos: Bemaventurados os pobres! Ai! de vós, ó ricos! *Beati pauperes! Vae vobis divitibus!*

Se as leis humanas desprotegem o povo, elle appella para as divinas, em cujas paginas eternas, acham-se, de ha muito, declarados e promulgados os lidimos direitos do homem.

Não promettem estas a impossivel egualdade social, em que se embalam idealistas de má fé: mas garantem a egualdade de todos, perante a justiça incorruptivel e suprema de um Deus, que não faz distincção de pessoas: *non enim est personarum acceptio apud Deum.*

Mas D. Bosco sente, sobretudo, que o povo precisa de ser amado, e que a sã democracia mais não é, do que amor e caridade. Assim é que elle vae dar aos filhos do povo tudo o que tem, dar-se-lhes, emfim, a si proprio. Poderá repetir com o Apóstolo: *impendam et superimpendar ipse.*

Em uma palavra, a sua democracia se inspira toda, naquelle suspiro divino, em que pareceu exhalar-se um dia, o coração infinito do Mestre: Tenho compaixão do povo! *Misereor super turbam!*

O ESPIRITO DO APOSTOLO

E' deste espirito mavioso e divino, que toda se embalsama a escola de D. Bosco. Vae sacrificar-se inteiramente pelo povo, educando-lhe os filhos. Mas não lhe basta. Tal é a conta em que os tem, que se preocupa em tratá-los, digamos assim, com luvas de seda, com não menos carinho, do que a principes da mais alta dynastia. "Não com pancadas, mas com doçura e caridade", ouvira elle no sonho da infancia.

Começa, pois, adoptando, e quasi creando um methodo proprio de educação, methodo o mais suave, por elle exposto naquelle mimoso livrinho, que bem se pudéra chamar a mais pura flôr da pedagogia, desabrochada sob as benções de Jesus ás creanças: *O systema preventivo na educação da juventude*.

Em lendo as suas paginas, não se nos afigura menos, senão que nellas está, vive e palpita, mau grado o seu estilo sempre impassivel e sereno, toda a alma do apostolo.

Deixemos que nos fale o proprio D. Bosco.

"O systema repressivo, diz elle, consiste em dar conhecimento da lei aos subditos, e depois vigiar para descobrir os transgressores, e infligir, se fôr o caso, o merecido castigo. Neste systema as palavras e o aspecto do superior, hão de ser sempre severos, quasi ameaçadores, e elle proprio deverá evitar toda familiaridade com os seus dependentes. Para dar valor á propria autoridade, metter-se-á raramente com os seus subordinados, e em geral, só quando se trate de punir ou ameaçar. Este systema é facil e menos trabalhoso.

"Diverso, e diria opposto, é o systema preventivo. Consiste este em tornar conhecidas as prescripções e regulamentos de um instituto, e depois vigiar em maneira que os alumnos tenham sempre sobre si o olho vigilante do superior e dos assistentes, os quaes, como paes amorosos, falem, guiem, aconselhem e docemente corrijam, o que equivale a collocar os alumnos na impossibilidade de commetterem faltas.

"Este systema se apoia todo na razão, na religião e no amor, excluindo, portanto, os castigos violentos, e mesmo, quanto possivel, os leves. Parece-me preferivel. A volubidade juvenil esquece num momento as regras disciplinares e as penas por ellas sancionadas. Assim é que, não raro, o menino se torna culpado e passivel de uma penalidade, em que não advertiu, de que absolutamente não se lembrou no acto de cahir em falta, e que certamente houvera evitado, se uma voz amiga o tivesse prevenido.

"Póde o systema repressivo impedir uma desordem: mas dif-

facilmente tornará melhores os delinquentes; tem-se observado que os rapazes não se esquecem dos castigos soffridos, e geralmente guardam rancor, com o desejo de sacudir o jugo e tirar vingança. Parece, ás vezes, que não façam caso; mas quem os acompanha de perto, sabe que são terriveis as reminiscencias da juventude: deslembram-se facilmente as punições dos paes, mui difficilmente, porém, as dos educadores.

“A pratica do systema preventivo se baseia toda nas palavras de São Paulo, que diz: “A caridade é benigna e paciente, tudo soffre e tudo espera.” Por isso, conclue D. Bosco, só o christão pode applical-o com resultado”.

Tereis certamente percebido, Senhores, toda a delicadeza que vae na simplicidade e no mimo desta pagina, em que tão bem se fundem agudezas de psychologo, carinhos de pae e fervores de santo.

Mas apóstolos como D. Bosco, menos escrevem do que fazem, e só ensinam depois de praticarem. E' a norma divina que lhes foi traçada: *Facere et docere*.

SUAVE MINIATURA

Assim é que, muito antes de elaborar esse pequenino, mas genial esboço pedagogico, vinha já elle pondo em pratica o seu acariciado systema preventivo. E isto, bem se póde dizer, desde os tempos da infancia, quando, para attrahir a si as creanças, se fizera, aos dez annos, saltimbanco de aldeia, e fundára, mais tarde, aquella tão amavel associação, a que deu o sympathico nome de “Sociedade da Alegria”.

Um facto, porém, ao parecer, tão corriqueiro e insignificante, devia marcar época mais nitida no seu apostolado, concretizando typicamente, como que na miniatura de um quadro expressivo, toda a sua escola.

A manhã de 8 de Dezembro de 1841, é historica nas chronicas salesianas. Nesse dia, em Turim, na sacristia da Igreja de S. Francisco de Assis, D. Bosco, novel sacerdote de 26 annos, preparava-se, como de costume, para celebrar a Santa Missa.

Nisto, ouve uma algazarra, e volta-se.

Era o sacristão, que espancava a um pobre menino do povo, expulsando-o da igreja.

Mas D. Bosco faz chamar o rapaz, acolhe-o com carinho, e convida-o para assistir á sua Missa. Terminado o Santo Sacrificio, trava com elle o seguinte dialogo, que para aqui translado, na singeleza do original, recendendo ainda todo o perfume das memorias do apóstolo.

- Meu bom amigo, como te chamas ?
- Bartholomeu Garelli.
- Onde nasceste?
- Em Asti.
- Vive ainda teu pai?
- Não, já morreu.
- E tua mãe?
- Também.
- Que idade tens?
- 16 annos.
- Sabes lêr e escrever?
- Não sei nada.
- Fizeste já a tua 1ª Communhão?
- Ainda não.
- Já te confessaste?
- Só quando era pequeno.
- Tens ido ao catecismo?
- Não tenho coragem.
- E porque?
- Porque os meus companheiros, mais pequenos do que eu, sabem o catecismo, e eu, já tão grande, não sei nada e tenho vergonha.
- E se eu te dêsse lições á parte, acceitarias?
- De muito bôa vontade.
- Estás disposto a vir aqui mesmo?
- Posso vir, basta que não me dêem bordoadas.
- Não tenhas receio. Ninguem te maltratará. E's agora meu amigo, e terás que tratar só commigo. Quando queres que principiemos o nosso catecismo?
- Quando o Senhor quizer.
- Hoje de tarde?
- Pois sim.
- Agora mesmo?
- Também, e com muito gosto.

No mesmo instante, o joven levita, transfigurado ainda ao contacto eucharistico e mysterioso da divindade, ajoelha-se ao lado do seu catechumeno, para começar pela oração as aulas de catecismo: *Ave Maria, gratia plena!*

Paremos aqui, ao encanto desse ineffavel grupo, scena maviosa e purissima, digna por certo do pincel mystico de Frei Angelico.

O sacertode descêra do altar, mas achava-se ainda alli, ao pé de outro altar, não menos sagrado e bello.

Inclinava-se para elle com a mesma uncção, com que, havia

pouco, se debruçara timidamente sobre a pedra d'ara, no extase da alma para o tremendo mysterio.

E assim como no altar de marmore, o pão vulgar se transubstanciára na gloria do Senhor, assim tambem no outro, o altar vivo e palpitante de um coração adolescente, era a alma de um filho do povo, desprezado e corrido, que ia transformar-se, a pouco e pouco, na belleza immortal de um anjo.

Pairava alli, naquelle predestinado dia da sua festa, illuminando aquella primeira lição de catecismo, o sorriso da Virgem Immaculada, a mesma Dama do sonho de outróra, sonho que assim despontava na mais formosa realidade.

Estava inaugurada a escola salesiana.

TUDO PELO POVO

Dahi por deante, a vida de D. Bosco não foi mais do que um verdadeiro e perenne holocausto pela felicidade do povo: *omnibus omnia*. E uma das maiores immolações, por extranho que possa isto parecer, foi sem duvida, a da sua propria vocação intellectual para as altas lucubrações das sciencias e das letras.

Oiçamos ao Santo Padre Pio XI, na sua allocução de 20 de Fevereiro de 1927:

"D. Bosco, disse S. Santidade, foi homem de profundo pensamento. A sua intelligencia luminosa e vasta, se nos antolha como algo de não commum, muito superior ao alcance ordinario da mente e do engenho. Póde mesmo ser arrolado, coisa que poucos sabem e notam, entre os verdadeiros genios da intelligencia... Assim é que, como elle mesmo Nos confiou, sentira a principio um primeiro impulso, uma como seducção pelos estudos superiores, pelos livros, pelos grandes problemas do saber humano".

Pois bem, todas estas aspirações, aliás, tão justificaveis, sacrificou-as D. Bosco, por amor ao povo, não só roubando aos estudos o tempo largo e precioso, que dava ao ministerio, como tambem dedicando-se a tratar exclusivamente assumptos populares, e no mais desataviado e singelo dos estilos.

O seu supremo ideal literario, não era simplesmente, como de quantos escrevem, a clareza, de que fala Quintilliano; mas uma clareza tal, que todos, mesmo os mais rudes, o comprehendessem. Tanto assim que não encontrou melhor methodo para limar os seus escriptos, do que sujeitando-os á censura de sua velha mãe, inculta camponeza, que, aliás, não se fazia de rogada, mas empunhando a ferula de Aristarcho, mandava riscar do papel, tudo quanto lhe parecia exceder a propria intelligencia.

Assim compoz elle o manual do "Systema Metrico", a "Historia Sagrada", a "Historia da Italia" a "Historia da Igreja"; assim organizou o primeiro almanaque catholico da Europa: *Il Galantuomo*; assim publicou os numerosos opusculos das "Leituras Catholicas"; assim promoveu edições baratas dos classicos latinos e vernaculos, tudo para o povo, tudo para lhe tornar accessivel essa instrucção, que fôra dantes um como apanagio das aristocracias.

Afinal, a grande, a unica preocupação de D. Bosco, era fazer o bem, o maior bem possivel ao povo. Daqui o seu empenho incansavel em multiplicar esse bem no espaço e no tempo; daqui as suas escolas populares, tanto de sciencias, como de artes e officios; d'aqui a importancia, que no seu apostolado sempre deu á imprensa, a grande arma das democracias, tão util ao povo, quando bem orientada: daqui, enfim, a sua obra immorredoura, que são as duas congregações religiosas, por elle fundadas: a *Sociedade de São Francisco de Sales*, donde o nome de salesianos, e o *Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora*.

Taes são as duas vastas organizações sociaes, que espalhas hoje por todas as partes do mundo, num total de 14.321 membros, 1.211 casas e 4.576 obras diversas, receberam a missão filial e sagrada de perpetuar, através dos seculos, o espirito de D. Bosco na educação do povo.

D. BOSCO E A AMERICA

Era natural, Senhores, que instituições como essas, tão impregnadas de lidima democracia, medrassem amplamente aos ares do Novo Mundo, em cujo littoral immenso esplende, como um pharol, a estatua da Liberdade, marcando, á feição das columnas de Hercules, a ultima e luminosa méta na evolução politica dos seus paizes.

E effectivamente, comquanto a obra de D. Bosco date apenas de hontem, de ha pouco mais de meio seculo, florescem já nas Americas 412 casas salesianas, mais de um terço das de todo o mundo. De em meio a ellas, avultam as da Terra de Santa Cruz, onde o apostolado meigo de D. Bosco, irradiando dos seus collegios e officinas, alargou-se estupendamente das florestas virgens ao solio dos Pontifices, sendo que o episcopado salesiano do Brasil, é hoje o mais importante de toda a Congregação, pelo numero dos seus metropolitas e bispos diocesanos.

Foi, portanto, com o mais justo regozijo que a nossa Patria pela voz unanime da sua Igreja, da sua politica e da sua imprensa, festejou o acto solenne, pelo qual o Santo Padre Pio XI, bea-

tificando *Urbi et orbi* a memoria de D. Bosco, glorificou ao mesmo tempo, a grande obra social, que o immortaliza sobre a terra. E é ainda este mesmo acontecimento, que hoje aqui nos congrega, na contemplação dos principios altissimos e sacrosantos, que nortearam o espirito ao benemerito apostolo dos tempos modernos.

E folgo de falar, nesta hora, da tribuna veneravel do Instituto Historico, monumento que é, já quasi secular, da nacionalidade, onde sentimos que paira, na magia evocativa do ambiente, um não sei quê de superior ás vicissitudes do tempo e ás contingencias humanas. Dá-me elle a impressão desses placidos e solitarios cimos, que dominam o panorama das nossas peticas ribamares: a seus pés, agitam-se e passam, incessantes, as ondas, emquanto que elles, altos e immoveis, apontam eternamente, como se fossem devéras dedos de Deus, para a claridade serena do céu e das estrellas. As estrellas são os ideaes supremos e immutaveis, que o Instituto sabiamente professa. Vede: não pertence elle ao Imperio, nem á Republica; nasceu naquelle e triumphou nesta, sobranceiro sempre a facções e partidos. Nem por isso, entretanto, fôra licito, seria antes a mais clamorosa injustiça, suppor que o Instituto se desinteressasse da vida politica da nação. Mas é que, muito melhor do que na luta partidaria, tem elle a consciencia de servir á Patria, no culto e na propaganda dos principios conservadores da sua grandeza, que são a paz, o trabalho, a sciencia, a religião nacional, o patriotismo e o exemplo edificante dos seus varões illustres.

Tal é tambem a lição, que se nos depara hoje, espontanea e eloquente, nesta commemoração festiva do glorioso educador das classes populares. E' uma lição de principios, que se casa perfeitamente ao patriotico programma do Instituto, e bem se póde crystallizar nestas duas palavras, em que se resumem os dois grandes amores de D. Bosco: Deus e o povo.

RELIGIÃO E DEMOCRACIA

O Brasil, Senhores, como toda a America, justamente se ufa na das conquistas democraticas do seu estatuto politico. Mas não basta. Não são fórmulas de governo, o que faz grandes as nações. De que valem as leis, que montam constituições, se lhes não corresponde a moral dos costumes publicos? *Quid leges sine moribus?*

O de que, portanto, se deve gloriar um povo, é da sua educação no respeito á lei, na consciencia do direito e na pratica dos deveres. Ora, isto não se consegue, mormente nas democracias,

sem o bafejo do espirito religioso. Mais livre é o povo, e mais precisa de Deus. Quanto menos sujeito a soberanias humanas, tanto mais deve depender da majestade divina. A religião é o contrapeso da liberdade: tirae aquella, e esta despenhará fatalmente no chaos da anarchia.

Não são minhas, nem novas estas idéas: são velhas e revelhas, mas sempre dignas que se rememorem. E curioso é observar, como aquelles mesmos, que zombam talvez do direito divino, em que afundam as monarchias as raizes da propria autoridade, se vejam forçados a appellar para esse mesmo direito, em se tratando de soffrear o abuso das liberdades populares.

Tratou quasi *ex professo* do assumpto, a eloquencia de Ruy Barbosa, no seu famoso discurso do Collegio Anchieta. Ahi dizia elle: "Não é a soberania do povo, o que salva as republicas. Não são as urnas eleitoraes, que melhoram os governos. Não é a liberdade politica, o que engrandece as nações. A soberania do povo constitue apenas uma força, a grande força moderna, entre as nações embebidas na justa aspiração de se regerem a si mesmas. Mas esta força popular ha mister dirigida por uma alta moralidade social... As fórmas politicas são vãs, sem o homem que as anima. E' o vigor individual, que faz as nações robustas. Mas o individuo não póde ter essa fibra, esse equilibrio, essa energia que compõem os fortes, senão pela consciencia do seu destino moral, associada ao respeito desse destino, nos seus semelhantes. Ora, eu não conheço nada capaz de produzir na creatura humana, em geral, esse estado interior, senão o influxo religioso. Nem o atheismo reflexivo dos philosophos, nem o inconsciente atheismo dos indifferentes, são compatíveis com as qualidades de acção, resistencia e disciplina essenciaes aos povos livres. Os decentes, em geral, são fracos e pessimistas, resignados ou rebeldes, agitados ou agitadores. Mas ainda não basta crêr; é preciso crêr definida e activamente em Deus, isto é, confessal-o com firmeza e pratical-o com perseverança".

Assim philosophava Ruy Barbosa, citando ainda estas profundas sentenças de Tocqueville: "O despotismo é que passará sem a fé: a liberdade não passa. A religião é muito mais necessaria nas republicas do que nas monarchias, e muito mais nas republicas democraticas, do que em todas as demais. Como não houvêra de perecer a sociedade, se afroixando o laço politico, não estreitasse o vinculo moral? E que será de um povo, senhor de si mesmo, se não fôr submisso a Deus? O povo, se quizer ser livre, ha de ter convicções religiosas. Em não tendo fé, servirá".

A LIÇÃO DE D. BOSCO

Até aqui os dois grandes pensadores.

Mas o que deixaram elles apenas escripto, D. Bosco o praticou com a visão clara de um genio e a flamma creadora de um apóstolo. Tudo elle deu ao povo. Deu-lhe collegios e officinas. Deu-lhe as sciencias e as artes. Deu-lhe o trabalho honesto. Deu-lhe meios de subsistencia. Deu-lhe a noção exacta da liberdade. Mas antes e acima de tudo, deu-lhe a religião, que é o maior consolo do povo e a melhor garantia para a sociedade.

Provou mesmo D. Bosco, de alguma fórma, aos politicos, esta efficacia da sua democracia religiosa.

Trezentos jovens delinquentes enchiam naquelle anno de 1855, o maior instituto correcional de Turim: *La Generala*.

D. Bosco os preparára para a desobriga, ensinando-lhes a doutrina christã, confessando-os, e levando-os, emfim, á *Commu-nhão Paschal*.

E tanta fôra a bôa vontade daquelles rapazes, que o santo missionario pensou, commovido, em dar-lhes o maior premio, a que podiam aspirar os seus corações de passaros engaiolados: um passeio ao ar livre.

A idéa era temeraria, mas D. Bosco a levou por d'avante. Desenganado pelo Director Geral, vae ter com o proprio Ministro do Interior, que era então o celebre estadista Urbano Rattazzi, um dos mais notaveis politicos anticlericaes do Resurgimento italiano, sympathico, porém, á obra de D. Bosco.

O Ministro, naturalmente, extranhou o pedido, e poz a condição que o passeio fosse, ao menos, fiscalizado pela policia.

D. Bosco não acceitou: o que elle queria, era exactamente um dia de plena liberdade para os seus amiguinhos.

Fosse confiança no educador, fosse curiosidade de ver o resultado da experiencia, o facto é que Rattazzi afinal consentiu, acrescentando, porém: "V. Rvma. verá que não reconduz á prisão, nem dez desses malfeitores". E os carceres se abriram.

Mais facil de imaginar que de pintar a alegria e a festa, que naquelle dia os rapazes, como as aguas crystallinas de uma represa rôta, derramaram pelas estradas e parques do castello de Stupinigi, aonde, aliás, os convidava uma daquellas primaveras italianas, que tão bem se reflectem nestes versos de Leopardi:

*Primavera d'intorno
Brilla nell'aria e per li campi esulta,
Sicché a mirarla, intenerisce il core!*

E á tarde, quando se tratou de regressar, vendo elles que D. Bosco muito se fatigára, não permittiram que voltasse a pé; mas com pensamento gentil e commovente, fizeram-n'o montar num jumento, e acompanharam-no victoriosamente pelas ruas da cidade, até á Cadeia Publica. E o que é mais, com grande surpresa do Ministro, nem um só faltava.

Assim foi que a caridade do apostolo, ao influxo divino da religião, transformou aquelles corações de criminosos precoces, nos quaes era facil reconhecer os rebentos terriveis do seculo, que arrasando a Bastilha, erigira a guilhotina.

Tal é o ensinamento salutar, que hão de ir beber as democracias, na escola evangelica de D. Bosco.

E não é sem a mais viva sympathia, que vemos coincidir no Brasil, com as homenagens universaes ao bemaventurado pedagogico, a sabia e patriotica iniciativa, que, partindo da alma sempre nobre e catholica de Minas, é de esperar se alargue promissoramente por todos os Estados, em prol do ensino religioso nas escolas publicas da nossa cara Patria. Será uma victoria a mais, bem merecida e opportuna, para o grande espirito de D. Bosco, exactamente na hora, em que Roma e o mundo, mas sobretudo o povo italiano, acabam de tributar-lhe as honras do mais estrondoso triumpho.

GRATIDÃO E TRIUMPHO

Nunca jámais se me apagará da mente a lembrança daquelle tarde, em que de Valsalice a Valdocco, através das avenidas immensas de Turim, vi deslizar num coche de gala, em urna de crystal, entre velludos e ouro, um pallido esqueleto.

Não era, porém, uma pompa funebre, que alli desfilava. Era a mais festiva das apotheoses, cortejo triumphal, em que palpavam ao sol duzentas mil almas.

Dir-se-ia mesmo que tudo, ao encanto magico da sua passagem, se transfigurasse em festas. As ruas sorriam, lado a lado, nos geranios em flôr das janellas populares, e nas tapeçarias finas e multicores, colgadas ao vento, nos balcões marmoreos dos palacios.

Era uma alegria profunda, espiritual e santa, que se expandia ao ar livre, mas todo embebido em harmonias de preces e aromas liturgicos de incenso.

E por cima de tudo, numa como alliança do céu aos festejos da terra, o bando phantastico das aeronaves, derramava das alturas sobre o feretro, uma chuva de flôres.

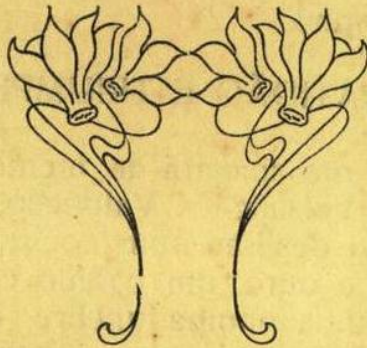
Nada disto, entretanto, era o que mais impressionava. Não era o numero, nem o brilho das autoridades. Não era esse spectaculo imponente, em que fulgurava, de em meio aos

uniformes solennes dos cavalleiros de Malta e do Santo Sepulcro, a majestade de seis purpuras romanas. Não era nada disto.

O que mais commovia, sabeis o que era? Era o coração do povo, que alli pulsava. Era a multidão anonyma, que fremia em palmas e vivas. Eram os homens do trabalho, que se ajoelhavam. Eram as mães proletarias, que choravam. Eram as creanças pobres, que atiravam beijos. Era, enfim, a mocidade, a flôr do povo, que vibrava toda, cantando uma canção tão cheia de sentimento, como se alli celebrassem a volta de um ente querido e saudoso.

E' que, na urna de crystal, entre velludos e ouro, passavam, rumo á gloria dos altares, as reliquias immortaes do maior amigo do povo no seculo dezenove.

Era D. Bosco!





O IMPOSTOR

COMEDIA EM UM ACTO

PERSONAGENS

D. ANNA, viúva, mãe, de Carlos e de Ignez.

IGNEZ, filha de D. Anna e noiva de Mario.

CARLOS, filho de D. Anna.

MARIO, filho de João Malhado, estudante de direito, poeta e noivo de Ignez.

JOÃO MALHADO, pae de Mario.

MARTINHO, criado de D. Anna.

UM COMMISSARIO de Policia.

A scena passa-se em Cuiabá.

SENA I.—CARLOS, IGNEZ.

Esse trabalho, Ignez, de inventariar a herança de nosso pae é tal que, certo, já me cança; acabo de chegar e já prevejo a urgencia de requerer ao juiz logo uma diligencia. Nossa mãe, com razão, quer ver findo o processo.

IGNEZ.

Por um outro motivo anseava o teu regresso. Quero, pois te narrar, já que assim é preciso, o que aqui se passou, para, em melhor juízo,

combinarmos os dois, com sig'illo e prudencia,

o que convem fazer para evitar pendencia.

Ainda hontem minha mãe dizia em tom violento

« E mister desfazer esse teu casamento,

« Ignez; ha quanto tempo o Mario não te escreve !

« A principio de fogo, eil-o agora de neve;

« nunca se vira um noivo em tão pequena ausencia

« sustar assim de vez toda a correspondencia;

« longe da vista, emfim, diz o vulgo avisado,

« longe do coração . . . E eis o dicto provado. »

E' o estudo, talvez, disse eu. « Não, minha rica,

« o estulto, a occupação, na la, de certo, o explica;

« antes um novo amor; mas não ha nisto um mal;

« a elle, com certeza, é grato o novo ideal,

« e quanto a ti, querida, é bem pouco razoavel

« soffreres com o desdem de um homem tão mudavel.

« De resto, o Mario é bruceo e de grosseiro trato

« e apenas te agradou por ser um litterato,

« pois basta que componha alguém em teu louvor

« um simples madrigal para que ames o autor.

« Sim, casar com um poeta, eis o alvo, o predicado,

« que apenas te sorriu em um sonho adorado.

« Em um noivo, no entanto, a actividade, o alento,

« o pendor mercantil valem mais que o talento,

« e são para o hymeneu mais resistentes bases

« que o enlevo do canto e o sonoro das phrases.

« Se pensasses melhor, verias, na verdade,

« que o vate em sonhos vive, alheio á realidade,

« de olhos fitos no espaço, elle me lembra o apologo

« do que cahiu num poço ao se fazer astrologo:

« a desdita o acompanha, o proprio genio o ameaça

« o vulgo ri-se, ao vel-o abstracto, quando passa
« concertando a cesura ou imaginando o poema;
« tal é o seu afan; e exulte o lar ou gema,
« domine a guerra ou a paz, seja dezembro ou abril
« que lhe importa? elle monta o Pegaso febril,
« e, indifferente a tudo, á peste, ao lucto, á fome,
« eil-o, como Quixote, em busca do renome.
« Deixa que o Mario, assim a seu furor afeito,
« tenha apenas em mira a corôa de eleito;
« prefere o que na industria e no trabalho encerra
« todo seu ideal, vivendo terra a terra,
« o que, em vez de visões e noites de vigília,
« se applica ao bem-estar somente da familia,
« e, para o conseguir, conta, querida Ignez,
« com sua actividade e o bom senso burguez.
« Deixemos ao poeta a poesia e o conto;
« o senhor Jorge Almada é o noivo que te aponto
« e que muito te quer.»

Ante esse desenlace,
julguei ser victima de subito traspasse,
levantei-me a tremer, tive quasi um desmaio,
não soffreria mais se me ferisse um raio,
pois deves conhecer, segundo o referido,
aquelle que ella quer que eu tome por marido,
um Quasimodo, um torto, um nescio, um animal !
Foi tal a commoção que inda me sinto mal.
Como ! unir-me a um sandeu que apenas mal soletra !

CARLOS.

Gasta, quando se assigna, um anno em cada letra.

IGNEZ

Era ouvil-a dizer, Carlos, que elle é prudente
 tem um ar prazenteiro e grato a toda a gente:
 que se não é formoso, é, no emtanto, engraçado,
 e até o ser cambaio o faz mais estimado;
 que as meninas do bairro o seguem como um nune
 ao verem-no envolvido em ondas de perfume.
 Só não disse que é rico, a evitar por decencia
 o motivo real de sua preferencia;
 e quanto ao mais, perfeito, impeccavel, sem par.

CARLOS

Certo, nunca julguei; mas não é de estranhar.
 Sim, pensando melhor, não ha nisto surpresa;
 ha muito que a conheço e lhe sondo a avareza.
 E como é fina! vê como ella a tudo attende;
 para bem te impingir o noivo que pretende
 fez o seu longo exordio, em que, com grande tacto,
 antes de o nomear, gizou seu candidato;
 pouco a pouco elevou, com muito zelo e tino,
 sobre as ruinas do vate as glorias do cretino,
 e por fim elogiou quasi dote por dote,
 os habitos, o andar, as maneiras do zote.
 Só o autor do romance e do drama e do conto,
 na sua opinião, é quasi sempre um tonto.
 Mas deixemos o Cresco e a que tanto o elogia;
 como elle, ella tambem possue garras de harpia;
 que elles fiquem em paz no seu aureo commercio:
 fallamos sobre o Mario, esse nosso Propercio.
 Ja o conheces; mau grado o que se tem fallado,

deves ficar tranquilla e isenta de cuidado;
deixa que nossa mãe, por um pendor fatal,
diga que elle te esquece e tens uma rival.
Seu silencio é mister julgal-o com prudencia,
pois muito nos illude uma falsa apparencia,
e nesse novo amor, que ella acha tão provavel,
jamais se deve crer sem prova incontestavel.
Em vez dessa razão, de que ella tanto abusa,
pode outra causa haver que lhe sirva de escusa,
o exame, uma molestia, ou outro facto possivel,
ainda agora ignorado; ella, no entanto, (é incrível)
toma como pretexto essa mera occorrença
e affirma o que não crê por simples conveniência.

IGNEZ.

Penso do mesmo modo; elle é muito correcto.
Não podemos ver nisso uma falta de affecto:
Seria condemnar, numa louca vertigem,
por um facto, do qual inda se ignora a origem,
e desprezar de vez, só pelo que ora vemos,
um passado de amor, de ternura e do extremos.
Aqui, como no Rio, apesar da distancia,
nada existe a allegar que lhe prove a inconstancia;
ao contrario; assim, pois, em face de tudo isto,
Carlos, como explicar esse facto imprevisto,
o seu retrahimento e subita esquivança,
sem sequer uma linha, um verso, uma lembrança?
Vejo em tudo um mysterio, e sondal-o de perto,
deve ser, a meu ver, nosso primeiro acerto;
mostrar a nossa mãe que cumpre tomar tento
e deixar de esgrimir contra um moinho de vento;

que não tem fundamento esse conceito atroz,
 de que ella, com desar, se fez o porta-voz;
 que é de todos sabida essa sua attitude,
 e com o seu proceder muita gente se illude
 e forma de meu noivo um pessimo juizo.
 Carlos, chegaste bem no momento preciso,
 Devemos, meu irmão, conforme exige o caso,
 agir com grande empenho e no mais curto prazo;
 defender o meu noivo em transe tão molesto,
 e, ser: mais dilação, lavrar nosso protesto.
 Esqueceu-me dizer-te: O Jorge, contrafeito
 numa fatiota nova e com uma flôr ao peito,
 aqui esteve em visita a sua protectora.
 De certo, ella o estimula; emtanto, sem demora,
 eu, como que de horror tomada de repente,
 retirei-me a evitar-lhe o olhar impertinente,
 a conversa banal e o gesto desabrido.

CARLOS.

Não me achar eu aqui! Muito teria rido.

IGNEZ.

Elle ficou nervoso...

CARLOS.

Eu avalio a scena,
 o apuro do Romeu.

IGNEZ.

E ella como uma hyena.
 Mas, voltando ao assumpto: Afim de que a verdade
 resplandeça de todo em face á iniquidade
 não ha tempo a perder, busca o senhor Malhado,
 pae do Mario, e por ti que elle seja inteirado

do silencio do filho e de todo o occorrido,
de como nossa mãe tem-no em summa entendido,
e (como se o que digo ainda não bastasse)
da sua pretensão em tratar de outro enlace.
Vae e dize-lhe mais quanto isso me aniquila.

CARLOS.

Vou presto lhe fallar; podes ficar tranquilla.

IGNEZ.

Como deves saber, temo-lo em grande apreço,
como pae de meu noivo...

CARLOS.

Ha muito que o conheço.

IGNEZ.

e como homem de bem.

CARLOS.

Sensato, sobretudo;
sempre vi no Malhado um homem mui sisudo.

IGNEZ.

Elle vae te agradar.

CARLOS.

De certo; e se não fôra
essa viagem que fiz, talvez a esta hora
tudo, como convem, se achasse esclarecido.
Elle mais que ninguem faz jus a ser ouvido.
Sim, conversando, Ignez, é que a gente se explica,
e esse é o meio melhor de extinguir essa trica:

até mesmo não sei como, a duplo contento,
não tenha havido ainda um prompto entendimento;
Elle móra tão perto e é de tanto criterio...

IGNEZ.

Que queres? nossa mãe ama nisso o mysterio:
Nada de explicações e nem de entendimento;
só o segredo convem a mascarar-lhe o intento.

CARLOS.

E quanto á outra parte? ambas teem interesse;
ao pae do noivo, pois, segundo me parece,
cumpria tambem vir deslindar essa meada,
e sem mais digressão varrer sua testada.

IGNEZ.

Mas, se tudo ignorar? como vir sem demora
desvendar ante nós o que elle proprio ignora?
Quanto a mim, como vês, comquanto interessada,
que podia fazer na tua ausencia? Nada.
Em teu prompto regresso eu puz minha esperanza.

CARLOS.

E deves descansar; ha de ser feita a alliança.

IGNEZ.

Sim, vaes tudo aclarar com meu futuro sogro.

CARLOS.

Ah! para nossa mãe que terrivel mallogro!

SCENA II. — MARTINHO, CARLOS, IGNEZ.

CARLOS *a Martinho.*

Que ha?

MARTINHO.

O senhor Malhado.

IGNEZ.

Agradavel surpresa!

CARLOS.

a Martinho

Que entre. Eu prompto a busca-lo e elle a vir com presteza.

Nem que tivesse havido algum secreto appello.

SCENA III — JOÃO MALHADO, CARLOS, IGNEZ.

JOÃO MALHADO.

Bom dia a ambos.

IGNEZ.

Bom dia.

CARLOS.

Immenso gosto em vel-o.

Eu estava a sahir por motivo de urgencia

e agora mesmo iria a sua residencia,

no interesse dos dois, meu amigo dilecto;

quem sabe se o senhor não vem ao mesmo objecto ?

Um phenomeno creio, em tal caso, dar-se-ia
que, segundo o Occultismo, é de telepathia.

JOÃO MALHADO.

Aquí me conduziu, digo-lhe sem demora,
um facto que o senhor, de certo, não ignora,
— o silencio do Mario, a ponto prolongado,
que é para sua mãe motivo de cuidado,
e mais do que isto até, faz crer no esquecimento
da noiva, que elle amou com tanto aprazimento,
e, para concluir, tornou-se tão fatal
que julgam D. Ignez ter hoje uma rival.
Mas tal facto por mim só agora é sabido.

IGNEZ.

Que o senhor o ignorava eu tinha presentido.
Carlos, que te dizia ha apenas um momento?

CARLOS *a João Malhado.*

Tivemos assim, pois, o mesmo pensamento
e sobre o mesmo assumpto é que ia lhe fallar.

JOÃO MALHADO.

Soube-o por sua mãe, de um modo singular.
Jamais foi tão succinta e brusca uma mensagem,
e jamais uma breve e rapida linguagem
poude conter em si maior irreverencia.
Mandou-me ella dizer que visto a deficiencia
de novas, e o mutismo, aliás bem censurado,
do Mario, tão impróprio, enfim, de um namorado,
resolvera não mais considerar meu filho
como futuro genro.

CARLOS.

Assim de afogadilho!

JOÃO MALHADO.

Como não? e foi tal o effeito do remoque
que quasi, como pae, desfalleci com o choque.

CARLOS.

Que grave açodamento e que imprudencia incrível!

IGNEZ.

Ella foi sempre assim: altaneira e terrivel!

CARLOS.

Não logrará, porem, desta vez seu intento.
Como se desfazer destarte o casamento,
romper-se por tal forma e facto não provado
um contracto que está ja perfeito e acabado?
Não o permite a moral, se o permite o direito;
só por motivo real pode elle ser desfeito.

JOÃO MALHADO.

De certo, essa união a todos interessa;
como um só decidir com semelhante pressa
antes de ouvir dos mais, com indulgencia e pausa,
o que se tem passado e syndicar da causa?
Vamo - nos entender; e que antes de mais nada
saibam que num tal caso ha, certo, uma embrulhada.
Espero que, entretanto, ha de explicar-se em breve.

A D. Ignez

Ouvi de sua mãe que o Mario não lhe escreve;
elle affirma o contrario e, em forma de lembrete,

diz-me que D. Ignez não lhe manda um bilhete.
Que se cartearam sempre eu de sobra acredito;
mas elle não recebe o seu mais leve escripto,
assim como a senhora o que elle lhe endereça;
destarte, cada qual, victima de uma peça,
e ignorando o que ha, queixa-se do contrario;
o Mario da senhora, a senhora do Mario;
e nenhum tem razão, pois que são bem patentes
a lealdade e a fé de ambos os contrahentes.
Querem que enfim lhes falle e diga o que prevejo?
Em tudo isso, a meu ver, ha um occulto manejo,
algun meio subtil, armado com muita arte,
afim de surprehender a uma e outra parte,
e cada uma, attribuindo á outra o que padece
a tome por ingrata, a acreditar que a esquece.
Entretanto, o inimigo, em sua obra de sapa,
prosegue sem temor, de ambas rindo á socapa,
talvez acariciando um plano na consciencia.

CARLOS.

No extravio, então, crê da correspondencia?

JOÃO MALHADO.

De certo, e para que se trate do summario,
hoje, pela manhã, dei parte ao Commissario,
instruindo-o afinal de tudo que se passa.

CARLOS.

Sím, cumpre sem demora abrir um devassa.

JOÃO MALHADO.

Segundo um telegramma ha dias recebido,

o Mario está a chegar, tendo já concluído,
com feliz resultado, o seu ultimo anno.
Elle mais uma vez vem confirmar o engano.

SCENA IV - MARTINHO, CARLOS, IGNEZ, JOÃO MALHADO

CARLOS, *a Martinho.*

Quem é ?

MARTINHO

O senhor Mario.

CARLOS

Opportunos instantes!

A Martinho

Que entre; e que minha mãe saiba disto quanto antes.
Vamos ver o que diz em presença do Mario;
se mantem ou desfaz seu juizo temerario
e com elle o projecto a que tanto attendia.

**SCENA V. — CARLOS, IGNEZ, JOÃO MALHADO, MARIO,
D. ANNA.**

CARLOS.

O' Mario, que prazer e que immensa alegria! (*Mario abraça a todos*)

Bôa viagem?

MARIO.

Quem dera! um temporal espesso;
Porem, val muito mais a gloria do regresso.

No auge da cerração, minha noiva era a estrella
que me sorria ao longe em meio da procella;
e ante essa volta ao lar, ao seio da amizade,
aos carinhos do amor, que importa a tempestade?
Trombas que houvesse e mar, velas rotas ao vento,
tudo compensaria esse feliz momento
de vos ver! E, depois, digamos de passagem,
quanto é bella a natura e nos seduz a viagem!
Mas, ja sabeis que sou um bacharel formal
e estou, como tratei, prompto para o noivado,
e já não é sem tempo; antes em meu abono,
elle ajuda a cumprir-se o que ha muito ambiciono.
E D. Anna que diz?

D. ANNA.

Que amo a palavra dada,
e a meu dicto fiel, lhe aguardava a chegada.

CARLOS, *á parte.*

Como é dissimulada!

MARIO, *á parte.*

E' ironica ou sincera?
Soube, ao desembarcar, que ella se arrependera,
e a promettida alliança olhando com desgosto,
tinha um seu protegido a me occupar o posto.
Que devo concluir? A resposta surprehende;
do novo candidato acaso se arrepende,
ou, no seu novo alvitre agora mais que firme,
de tal modo fallara afim de confundir-me?
Sua resposta é tal que lhe sondando o nexo
com o que ouvira dizer, me sinto mais perplexo.

Mas, é mister ser claro, e muito que me custe,
devo acabar de vez com semelhante embuste.

(Alto) Mas eu ouvi dizer que a senhora afinal
quiz me prejudicar.

D. ANNA.

Eu?

MARIO.

Sim.

D. ANNA.

Quem disse tal?

MARIO.

Não importa a pessoa: a senhora D. Anna
não o pode contestar.

D. ANNA.

Ah! vejo que se engana;
nessas ocasiões não falta um intrigante.

CARLOS.

Minha mãe nega ?!

D. ANNA.

Sim.

JOÃO MALHADO, *á parte.*

Que grande comediante!

MARIO.

O que me consta é que...

D. ANNA.

Antes de tudo o facto:

Que foi que pretendi ?

MARIO

Quiz romper o contracto.

D. ANNA.

Declaro-lhe que é falso.

MARIO.

E o senhor Jorge Almada
era o seu protegido.

D. ANNA

Ah! foi mera caçoada!

JOÃO MALHADO.

Como! já se esqueceu do que hontem me dissera
do silencio do Mario e de que resolvera
não o ter como seu genro?

CARLOS.

E tratar de outro enlace?

D. ANNA.

E' que sempre julguei que o Mario não voltasse.

MARIO.

E' bem fraca a razão; por outra, emtanto, eu fico;
é que o seu candidato..

JOÃO MALHADO.

Antes de tudo é rico.

Scena VI—CARLOS, IGNEZ, JOÃO MALHADO, MARIO,
D. ANNA, MARTINHO.

CARLOS, *A Martinho.*

Quem é?

MARTINHO.

O Commissario.

CARLOS.

Ah! que entre a toda pressa.

Sobretudo, é mister que a verdade appareça.

O COMMISSARIO.

Venho communicar-lhe hoje, senhor Malhado, que o inquerito está feito e qual o resultado: Houve, de facto, sim, criminoso desvio das cartas que daqui enviava para o Rio D. Ignez a seu noivo; e das deste igualmente, do Rio para aqui, a sua noiva ausente. Cheguei á conclusão por uma prova farta que do nosso correio era tirada a carta que chegava do Rio, ou era posta aqui. Tudo da inquirição de sobra conclui.

MARIO.

Eis o secreto ardil, causa do grande alarme, que na sombra se urdiu para prejudicar-me.

IGNEZ.

Mas não o consegui.

JOÃO MALHADO.

Qual o autor da farçada,
o criminoso, enfim?

O COMMISSARIO.

O Senhor Jorge Almada.

CARLOS.

Eis o seu protegido e o seu grande valor,
minha mãe; como vê, um perfeito impostor.
E agora, pondo a mão na sua consciencia,
que diz da supressão dessa correspondencia?
Ainda acata o autor e porventura applaude
que elle guerreie o amor, lançando mão da fraude?
que ponha num engano, em que nenhum socega,
os dois noivos assim jogando a cabra cega,
para que cada um, em breve resentido,
julgue que o outro esqueçe, e elle tirar partido?
Será ainda a seu ver um primor, uma joia
um homem que é capaz dessa indigna tramoia?
que, baldo de figura e senso e probidade,
quer conseguir o amor por uma falsidade,
e que desrespeitando uma pa'ção sublime,
pratica desse modo um abominavel crime?

JOÃO MALHADO.

Segundo a lei penal, incorre num processo.

D. ANNA.

Certo, nunca julguei tão desastrado excesso.

CARLOS.

Quanto a ti minha irmã, louvo a tua attitude;
na constancia e no amor és a propria virtude.
Sim, foste de teu noivo uma fiel alliada
contra o projecto hostil do senhor Jorge Almada;
e essa tua conducta em defesa do Mario
tem para mim um encanto, um brilho extraordinario.

MARIO.


Passando a outro assumpto; agora vos direi
qual a minha impressão desle que aqui cheguei:
Senhores, noto em tudo uma mudança grande
e um sopro animador; Matto-Grosso se expande;
a sua capital, ainda ha pouco sem vida,
agora se engalana e eil-a toda garrida;
por toda parte a paz, o progresso, a alegria
estão a nos dizer que é morta a olygarchia;
e devemos tudo isso á acção intelligente
e ao proficuo labor do nosso presidente,
meu homonymo, com justiça reputado
modelo de civismo e gloria deste Estado.

CARLOS.

Sem esquecer a lição, que este ensejo nos presta,
não ha tempo a perder, vamos cuidar da festa;
e veja minha mãe que bem mais que o dinheiro
vale um coração puro e um amor verdadeiro.

(Cae o panno)

Augusto Cavalcanti

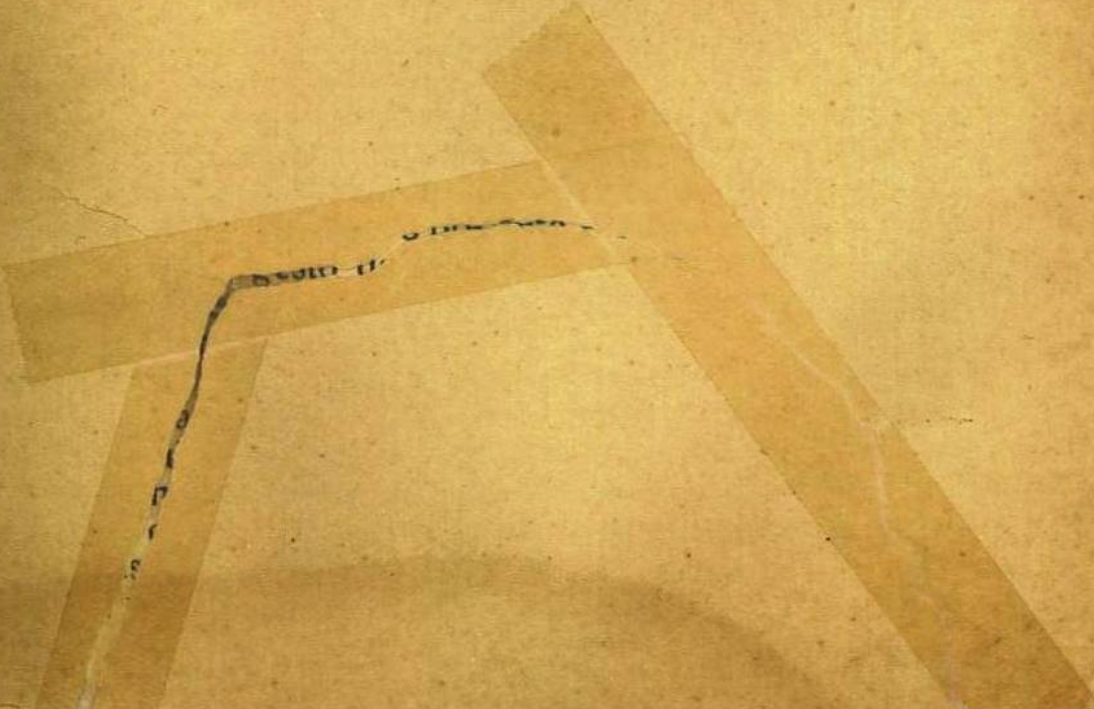


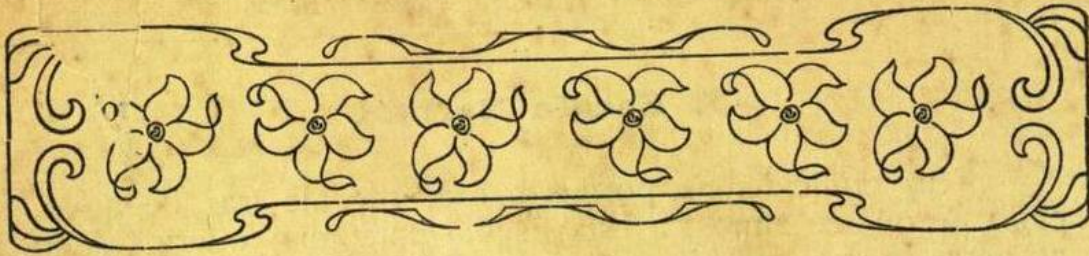
José de Mesquita

SEMEADORAS DO FUTURO

DISCURSO PARANYMPHAL

na collação de grau ás Normalistas de 1929





Senhoras Professoras :

O critério da escolha

Fostes buscar, no obscuro recanto onde, entre autos, livros e alfarrabios, procuro servir á nossa terra, em diuturno e silencioso esforço, quem vos paronymphasse, nesta hora de glorificação e triumpho, o vosso auspicioso ingresso na vida pratica.

A nobreza do vosso gesto menos me envaidece a mim do que vos recommenda a modestia com que vos houvestes na escolha.

Bem poderieis ter por padrinho quem mais se evidenciasse pelos europeis da politica, da riqueza ou da pompa mundana, ou mesmo quem, pelo talento ou pela cultura, trouxesse a esta tribuna, já honrada pelos luminares da mentalidade patricia, os brilhos que lhe eu não posso dar. A nada mais attentastes que aos impulsos generosos do vosso coração affectivo, elegendo-me para testemunha da vossa mystica alliança com o magisterio, do vosso espirital connubio com o professorado. Outro titulo, credencial outra vos não trago senão que o de ser um amante extremoso de nossa terra e de nossa gente, em cujo trato vivo, versando-lhes diurna e nocturnamente as chronicas, deletreando-lhes o passado, por melhor comprehender-lhes o presente e auspiciar-lhes o porvir.

Bem haja o vosso gesto de amizade e de conforto, de estímulo e recompensa, superior aos laureis de que se exornam os ephemerous triumphadores de um dia !

Bem haja a vossa lembrança que aqui me traz esta hora e me permite, agradecendo-vos do mais intimo d'alma, dizer-vos o que de ha muito me estúa no coração por falar de publico ás educadoras da nossa infancia, ás que se investem do mais arduo e sagrado dos deveres, o de plasticizar a alma e enformar o caracter das novas gerações.

A Escola Normal

Feliz coincidência, por certo, é a que me traz de novo, ao cabo de quinze annos, a esta Escola para mim querida de todas as véras d'alma, pois foi nella que dei os primeiros passos na vida publica em nossa terra, ensinando o nosso bello idioma, durante anno e meio, que tanto durou o meu curto, mas involvidavel magisterio.

Foi-me dado, assim, acompanhar-lhe os primeiros passos, no periodo inicial, confinada ainda entre as paredes do velho casarão da rua de Baixo, onde a installara, a 1 de Fevereiro de 1911, o saudoso prof. Leovigildo de Mello, seu fundador e primeiro director, na presidencia Pedro Celestino, a quem tanto deve a instrucção em Matto-Grosso.

Era uma tentativa renovada após 36 annos, pois deveis saber que não é esta a nossa primeira Escola Normal, datando a anterior de 1875. Si a primitiva se baldou com pouco, nesse mallogro a que pareciam destinados todos os tentamens progressistas em nosso meio, a segunda radicou-se, frondejou, cresceu, florificou e fructece hoje, em opimos fructos de esperanza, qual arvore encantada que, a cada fim de anno, se reenflora e brinda a nossa cultura com esses pômos excellentes que sois vós, por sua vez destinados a dar novas sementeiras de que se fará a futura grandeza de nossa terra, pela alphabetização e educação das nossas crianças.

Ensinar - missão feminina

Attingis, ao cabo de annos de labor, á meta suprema dos vossos ideaes, e galgaes o ultimo degrau da escaleira que vos transforma de alumnas em mestras. Até hontem, aprendieis; doravante, ireis ensinar. Que grandeza, que sublimidade se contem neste simples vocabulo—ensinar! E' por seguro, a mais nobre e a mais bella missão da mulher, tarefa essencialmente feminina, pois que, entre tantas a que hoje se entregam as mulheres, a quantas se avanta, sobrestá a qualquer e paira acima de todas. Ensinar é dar-se toda, é fazer, desprendidamente, da sua vida um apostolado constante, transmittindo aos seus discipulos o legado de saber que, por sua vez, dos mestres aprenderam; é tudo um desvelar-se pela indigencia mais dolorosa, que é a mental; é criar o homem novo no cerebro informe da criança; é ser para os seus alumnos o mentor seguro, o pharol conductor, o mystagogo prudente, o experimentado timoneiro, que os leve, entre os parceiros mais perigosos, á enseada salvadora. Já vêdes que não póde haver tarefa mais adequada ás

vossas forças e aos pendores naturaes do vosso sexo, em que pese ao paradoxal conceito de Mussolini, que visa excluir a mulher da missão educativa. Quem melhor desempenhará essa nobre função de ensinar do que a mulher, toda ella dedicação e ternura, amor e abnegação, carinho e devotamento, que, no dizer de Michelet, se dispõe sempre a morrer por aquelles a quem ama?

Maternidade espiritual

Mães espirituaes dos vossos alumnos — eis a vossa missão social por excellencia, o maior titulo de gloria, o diploma que mais vos deve ennobrecer e elevar.

Sobre a maternidade puramente material, avulta e sobreleva, mais expressiva, essa maternidade que faz a alma, plasma a consciencia, enrija o character, syntoniza a vontade e do rythmo de todas as faculdades, harmonicas e equilibradas, faz surgir o homem util á patria, a mulher dedicada á familia e de um e outro as columnas mestras da sociedade.

Filhos espirituaes ser-vos-ão os vossos discipulos — pois ides abeberal-os com o leite vivificante da sciencia, nutril-os com o frumento sadio da educação, baptizal-os na pia lustral do abecedario, abri-lhes, em clarões de fulgor incomparavel, os horizontes da verdade e da moral, do bello e do bom.

E' a isso que vos destina este pergaminho que daqui levaes, como passaporte que vos assegura a livre entrada nesses cerebrozinhos juvenis, recamaras obscuras onde o futuro se prepara, alfôbres virginaes em que deveis lançar o germe fecundante, que, um dia, abrolhará em ridentes messes promissoras. Dahi vos acóde nitidamente a extensão, o alcance das vossas responsabilidades.

Nas vossas mãos debeis e mimosas se encontra a materia prima de que se ha de construir a patria de amanha.

Fazei por que ella seja grande, e tereis as benções da posteridade. A colheita trae a semente e a mão do que a semeou. Não renegueis jamais ao juramento sagrado desta hora solemne em que vos empenhaes, ao serviço da patria, nas fileiras augustas dessa milicia sem armas, mais efficaz, porém, que todas as potencias—que é o magisterio.

O prestigio feminino

Para realizar taõ magna obra com que contareis, de que elementos haveis de dispôr? De nada mais que do vosso proprio prestigio, dêis que o saibaes conservar integro e delle vos utilizar de-

vidamente. Sabido é que, a despeito dos gynophobos de todos os tempos, eternos detractores da mulher, tem o vosso sexo apolo-gistas dedicados e até fanaticos incondicionaes, que vão ao extremo opposto ao daquelles, á gynophilia mais exagerada.

Já o licenciado Ruy Goncalves, que nas nossas letras classicas se evidenciara, escrevia, em 1557, dedicado á rainha D. Catharina, um opusculo interessante «Dos privilegios que o genero feminino tem por direito commum & Ordenaçoes do Reyno mais que o genero masculino». (1) E em seu curioso liberculo apontava o precursor do feminismo que as mulheres igualaram ou excederam os homens em — doutrina e saber; conselho; devoção e temor de Deus; liberalidade; clemencia e misericordia, alem de muitos outros dotes moraes.

Esse prestigio vos decorre de uma triplíce aureola: a graça, a virtude e a intelligencia.

A graça e a belleza

Notae bem que não digo belleza ou formosura, e sim graça, que é muito mais do que simples ornatos physicos, eurythmia de fórmãs, effeitos de plastica que se aférem nos concursos galvestonianos pelas fichas anthropometricas. Não. Bem visto está que a belleza não é tudo e si a não corôa esse *quid* imponderavel, esse halo espiritual, que é a graça, ella apenas será o baixio perigoso onde naufragam, entre os syrtes da vaidade e da seducção, os caracteres mais abroquelados. Isto foi que a um escriptor de grande engenho mas de nenhuma fé levou a dizer que a belleza é para a mulher a maldicção do céu. Não soube, porém, distinguir o fino critico da *Vie Litteraire* o fundo da apparencia e tomou como mal o que é apenas causa de muitos males. A belleza é, ao invés, especial signo da dilecção do Alto, marca indelevel da nossa origem divina, como uma nostalgia do parai-zo perdido, entre as miserias deste baixo-mundo.

A espiritualidade

Mas, certo, que ella ha de redourar-se desses esplendores divinos da espiritualidade, que, acima dos amavios das Circes e Medéas, transluz nas feições da mais pobre das virgens e da mais humilde das mães, aureolada da sua candura ou da sua maternidade.

(1) Fidelino de Figueiredo — Historia da Litteratura Classica, I, 323.

Com justeza conceitou Garret no seu livro sobre a educação: « A mulher deve ser bella, deve ter graças e encantos. Nem todas pôdem ser lindas, que a formosura não ficou em dote a todas as filhas de Eva; mas todas pôdem ser bellas. Belleza não é formosura nem lindeza: belleza é o resultado das graças; e toda a mulher bem educada pôde ter graças; pôde lh'as dar a educação, pôde supprir até defeitos do corpo, pôde substituir a formosura, e fazer a fealdade linda.» (2)

A espiritualidade, eis o que faz a graça, força e mysterio da belleza.

Bellas o fôram Aspasia e Semiramis, Helena e Salomé, mas como se lhes obumbra, nas paginas da Historia, a formosura fatal ao lado da figura heril de uma Lucrecia, de uma Joanna d' Arc, de uma Santa Cecilia, de uma Izabel de Portugal, de uma Margarida de Provença, ou, si quizerdes uma creatura dos nossos dias, dessa mimosa Teresinha, flôr do céu aberta entre os pantanos do mundo, rosa do ideal e do sonho, a exhalar, em mysticos thymiamas, os seus deliciosos aromas de belleza e de bondade!

A virtude

A par da graça, ou antes com ella propria aünada — ramo do mesmo tronco e flôr do mesmo ramo -- é na virtude que excelle e sobrefulge o immenso prestigio da mulher.

Si a ella lhe é dado pela graça prender os olhos, pela virtude é que ella dôma os corações, desarma as vindictas, açaima os odios e agrilhôa as feras das paixões.

E' pela virtude que ella faz do mais rude e mesquinho dos homens esses prodigios que assombram com sua grandeza a propria humanidade.

O exemplo silencioso de uma vida vale mais que toda a doutrinação e é, no ensino, condição primeira para a sua efficacia que a autoridade preceptoral sobranceie, a cavalleiro, quaesquer criticas e restricções moraes.

Falsas virtudes

A virtude, porém, ha de ser discreta, sob pena de não ser virtude. A que pracêa a sua intangibilidade, prestes está de sosso-brar. A que diminue a alheia fama por accrescer a propria, al não é que vicio empavonado de virtude. A que muito se dá de lou-

(2) Da Educação, pag. 217.

vada, e nos zelos da autolatria se deleita, é porque de si nada vale.

Fugi, minhas caras afilhadas, de virtudes que taes. Fugi-lhes, que mais perigo ha em seu convivio que no do proprio vicio: a este, facil se lhe reconhece no cariz o risco que causa, emquanto que a virtude mascarada é o verdadeiro recife onde vão dar fundo os timoratos e os temerarios, pelo muito ou pelo nada temer.

A virtude é força—a sua raiz mesma nol-o inculca—e é tambem belleza, concinnidade moral. Mas não vos esqueça que, por isso que valiosa, é mui fina tambem, vidrenta no brilho como na fragilidade. Não ha descuidar do que pareça sem importancia, pois que em tudo se ella fortifica e por nada se vem a perecer. Não queiraes, entretanto, trocar, insensatamente, as prerogativas da vossa fraqueza, que é força, por uma estulta força, que mais não é que verdadeira fraqueza. Que ha ahi mais odioso, nos tempos que correm, do que essa masculinização da mulher, tão aberrante do senso moral como a feminização do homem, criando essas ridiculas contrafeituuras que são a “suffragista” e o “almofadinha”, verdadeiras caricaturas de uma civilização que se corrompe e decáe?

Aos apologistas da “mulher varôa” ide-lhes a mão mostrando o grotesco do quadro só comparavel ao dos homens maricas. Fique cada um onde a natureza sabiamente o pôs.

E, para remate, com respeito á virtude, nunca vos desalenteis si, por desventura, incorrerdes em faltas, que hão de servir antes de estimulo para não mais cahir, que de desanimo e confusão. Só Deus é inerrante e á virtude que se presume de infallivel mais depressa tomba, perece e se anniquilla.

A intelligencia

E por derradeiro, Sras Professoras, como vosso ultimo apanagio, enaltecendo a graça e fortificando a virtude, a intelligencia constitue o terceiro laurel da vossa corôa prestigiosa.

Por ella falaes á mente, esclareceis a razão, conduzis o transviado á estrada real, illuminaes ao perdido a via abandonada, com o vosso bom senso, com essa clareza de idéas e raciocinio seguro que peculiariza e distingue o vosso sexo. Longe vão os preconceitos de éras mortas que punham a mulher em plana inferior ao homem no tocante á organização psychica e mental e faziam dizer a um Shopenhauer, azedo e irritado, que “as mulheres eram creaturas de ideas curtas e cabellos compridos.” Hoje, si é verdade que os cabellos encurtaram, não o é menos que as idéas se alargam e estendem, permittindo o surto dessas admiraveis M^{me}Curie, Maria da Rumania, Elisabeth Lesueur, Eugenie

de Guerin, sabias, pensadoras, mysticas, literatas, que formam uma nobre galeria que honra e enaltece o engenho humano.

Mentalidade feminina

Livio de Castro, um dos nossos pensadores de escól, proclamando, ha quasi meio seculo, (como as idéas envelhecem!) a paridade do cerebro da mulher com o da creança, reconhecia, entretanto, que a velocidade da evolução cerebral da mulher não é constantemente inferior, mas inferior, igual e superior em determinados periodos á velocidade da evolução cerebral do homem.

E confessando que "o homem vive pelo cerebro, a mulher apesar do cerebro", demonstra que "á educação compete fazer do cerebro da mulher um orgão não sómente das coordenações motoras mais complexas, mas tambem de idéação" (3) E Remy de Gourmont, o subtil analysta, escarpellador dos mysterios da alma, da mesma linhagem dos Sainte-Beuve, Amiel e Proust, dá, no seu ensaio "Les femmes et le langage" o mais relevante papel á mentalidade feminina, a ponto de considerar a própria tagarellice, tão natural ao sexo, cousa de maior importancia que os mais bellos poemas e as philosophias mais profundas. «Ella não cria nem os poemas nem as estatuas; cria, porém, as creaturas dos poemas e das estatuas: ensina-lhes a linguagem, que é a condição da sua sciencia, a ficção, que é a condição da sua arte, a consciencia, que lhes dá o genio.» (4).

Inspiradora da Arte, nas suas multiplas manifestações, desde os versos immortaes de Homero aos desafios anonymos do ultimo tropeiro do sertão, a mulher é a musa eterna que anima o marmore frio de Galatée, é "Beatriz que inspira e que conduz", é Vittoria Colonna a encher os sonhos de Miguel Angelo, quer sorria na expressão perturbadora da Gioconda, quer na belleza invidida e ideal das Virgens candissimas de Boticelli.

As armas da educadora: a dedicação

De taes elementos dotadas, facil vos será vencer, mas ainda é mister attendaes aos meios para a consecução do escopo collimado.

Com as melhores intenções, têmos visto como fracassam os que, no trazer á pratica um programma, se olvidam da maneira de se conduzir para a sua bôa e fiel realização.

(3) A Mulher e a Sociogenia, pags. 123 e 302

(4) Le Chemin de Velours, pags. 185 e 200

Apontar-vos-ei, em traços muito geraes, as armas de que vos deveis servir na vossa campanha educativa.

Em primeiro lugar, deveis ter como fator preponderante para o bom exito da vossa missão, o devotamento, a dedicação, que vos faça ver na vossa tarefa um reflexo augusto do proprio *fiat* divino.

Dare animam suam — seja esta a divisa heroica dos que juram bandeira nas hostes do ensino.

A dedicação é, no expressivo dizer do autor de "*Les femmes de l'Évangile*" «a magna carta que Deus, autor e Senhor supremo de toda sociedade, outorgou, publicou e impôs, como a verdadeira carta constitucional da humanidade, e que só ella pôde dar-lhe a ordem e a verdadeira liberdade.» (5) Nella, e não no egoismo esteril, como querem os adeptos de certa escola materialista, cruel e desillusora, se ha de buscar a genese do verdadeiro progresso.

Os actos mais nobres e que mais influenciaram na evolução humana, fôram praticados desinteressadamente, sem mira na compensação ou no lucro.

“O que quer que se não funda sobre a bondade é passageiro e vão” disse-o, com acerto, um dos jovens pensadores brasileiros, o autor da *Egreja Silenciosa*.

Dedicae-vos, sem reservas, á vossa missão.

Mesmo quando vos sentirdes abaladas pelas decepções, tão communs na carreira, não remitti jamais a vossa coragem nem a vossa fé.

Sirva-vos como estupendo código moral esta synthese em que Joaquim Nabuco, um dos mais lucidos espiritos da nossa terra, condensou, por assim dizermos, a ethica da felicidade terrena:

“Guardae a dedicação, mesmo depois de haver perdido o amor; a veneração, mesmo depois de haver perdido a fé; o reconhecimento, mesmo depois de haver pago a divida; a generosidade, mesmo depois de haver retirado a estima.”

O factor tempo na educação

Nos vos descuideis, por outra parte, do grande factor que é o tempo, na missão educativa.

Jamais precipiteis nem retardeis o que se vos impôna fazer.

Tende em mente que para «formar o caracter, o coração e a consciencia—como conceituou um grande pedagogo, Monsenhor Dupanloup—faz-se mister o tempo. E quem quer que quisesse

(5) Ventura—*Les femmes de l'Évangile*, II, 207

realizar esta obra rapidamente e de afogadilho, e sem o socorro desse mestre divino que se chama o tempo, mostraria por isso mesmo que lhe falta o senso mais vulgar do ministerio a que se propõe» (6).

O ensinar é obra que se deve começar no cêdo, havendo quem diga mesmo que a educação do homem começa antes de nascer.

Por outro lado, nunca é tarde para começal-a e nem se deve jamais dar por terminada a tarefa, cuja extensão nos inculca o proprio adagio de geral conhecimento:—quanto mais se vive, mais se aprende.

o exemplo e a correcção

Ao lado da dedicação e da perseverança, se aparceiram, como fautores importantissimos do ensino, o exemplo e a correcção.

Do primeiro já ficou dito, em vos falando da virtude, que vale mais um espelho mudo que toda a apostolização esteril, desde que a não acompanhe o exemplo. O espirito humano tende naturalmente á imitação e a criança cêde, mais que qualquer, ás leis do mimetismo. Fazei que ella só encontre bellas e bôas lições a copiar nos gestos, palavras, ademanes das suas professoras.

Por vos inculcar o alcance do correctivo, que para efficaz se ha de applicar opportuna e comedidamente, bastar-me-á contar-vos um episodio, seu tanto jocoso, que vem relatado nos livros de um santo, cuja sabedoria illustra a mais sólida virtude.

Narra S. Affonso, em uma das suas obras de profunda psychologia, o caso de um marido que se pôs de uma feita a castigar dura e rudemente a propria esposa.

E vai esta naturalmente de lamentar-se, e exprobando-lhe, aos gritos, o inusitado proceder:—Que fiz eu, Senhor? A mim, que nada faço, porque me bates?—Mas—acode o irado homem—é justamente porque nada fazes, tu vês e não corriges, não fazes nada... (7)

Quem educa tem que lançar mão frequentes vezes da sancção penal, dolorosa sem duvida, mas imprescindivel.

No regrad-a e ajustal-a á occasião vai toda a sciencia que a pedagogia é insufficiente para ensinar, mas que o vosso proverbial bom senso vos indica naturalmente.

(6) De la haute education intellectuelle, II, 533.

(7) Obras de S. Affonso, XIV, 852.

Outros elementos do ensino

Ahi ficam, Senhoras Professoras, nestes conselhos paternalmente dados, os preceitos que me apraz deixar-vos como a melhor lembrança deste dia.

A mór parte delles já estavam gravados instinctivamente em vosso coração, já os tinheis por secreto pendor da natureza, mas não ha mal nenhum em vol-os reavivar.

Não os esqueçaes na vida que ides encetar, no trato do magisterio, levando sempre na memoria que, a par desses elementos que ahi ficam, outros não menos importantes devem constituir e coordenar o vosso espirito de professoras, taes como a paciencia, que vence todas as resistencias, a energia, que se deve casar á prudencia mais segura, a pontualidade e sua irman gêmea, a ordem, e por fim a urbanidade, que por ahi vai tão malprezada aos pés de tanta gente que suppõe consistir a superioridade no aspero e grosseiro dos modos e palavras, fazendo recrutar-se, infelizmente, na legião dos esfalfados pela neurasthenia e pela sobreposse, que infernizam a alma, os apóstolos da educação e das boas maneiras.

A grande cruzada

Muito haveria ainda para dizer-vos, não fôra o escasso do tempo e o justô receio de enfastiar-vos.

O que ahi fica, porém, basta ao meu intento. Penso que na altura em que vamos vos tenho dito o sufficiente para forrar-me ao papel de padrinho. Ide, senhoras professoras, ao extraordinario campo de acção que vos espera. Não limiteis á escola o vosso magisterio : sêde, onde quer que estiverdes, professoras.

Professoras de civismo, mestras de boas maneiras, orientadoras de costumes, ahi está a vossa missão principal. Nesta eras que vamos vivendo, mais do que nunca se faz necessario que a mulher se compenetre do seu papel eminentemente social: o que por ahi vai de abastardamento nessa educação moderna não ha mister que vol-o diga, pois tudo é ter olhos para vêr e ouvidos para ouvir.

A convulsão espasmodica que sacode o mundo após a guerra já chega até nós e é muito séria para que nos illudamos com os seus efeitos.

Ella se não cura com as panacéas de certa sociologia agnostica e athéa que por ahi vai. Nem é tambem remedio o fugir-lhe ao mais ligeiro contacto, com receio da contaminação. Ao contrario, onde o mal, lá deve estar o medico; onde a doença, ahi o remedio.

As feridas de Telepho curava-as a propria lança, como engenhosamente faz vêr o mestre Castilho:—assim os males sociaes hão que ser examinados, diagnosticados e curados no tracto mesmo dos enfermos.

Não ha leis Faninas, que impeçam o luxo de alastrar-se quando a corrupção se generaliza, nem gineconomos que possam amoldar a sociedade á feição dos governos.

A lucta tem de vir do interior para o exterior, pois da alma é que deve surgir a esperada aurora da reacção.

A vós, semeadoras do Futuro, se reserva o maximo papel nessa cruzada redemptora, a vós, que hoje professaes na grande ordem cavalleiresca da Educação. Não tendes o direito de a ella vos eximir, recluindo-vos na penumbra de um egoismo infecundo e revoltante. E' com o exemplo eloquente, com o conselho prudente e avisado, com a bôa palavra, que deveis actuar, na escola, que é a sociedade de amanha e na sociedade, que é a escola de todos os tempos.

A força que vem do alto

Tende em conta, sobretudo, Senhoras Normalistas, a grande, a suprema influencia do Alto sobre a nossa misera e ephemera trajetoria pelo mundo, essa estupenda força sideral que, unica, quando tudo se esfaz e aniquilla, nos leva ao porto das supremas aspirações. Não sou eu, mas sim o maior genio verbal da nossa raça, Ruy Barbosa, quem vol-o affirma, nestas palavras que sirvam a coroar tudo o que vos tenho dito:

«Incessantemente passam, e hão de passar no vortice dos tempos, as idéas, os systemas, as escolas, as philosophias, os governos, as raças, as civilizações; mas a intuição de Deus não cessará de esplender através do eterno mysterio, no fundo invisivel do pensamento, como o mais remoto dos astros nas profundezas obscuras do ether».

Que essa força immanente e superior vos acompanhe e vos vitalize na lucta.

○ mais doce dever

De par com essa força, outra, igualmente poderosa, vos imante a acção e oriente os passos --- a idéa da patria.

Não ha dever mais suave, mais grato a um coração bem formado, que amar a terra que o viu nascer.

Permitti, todavia, que accrescente que para nós, brasileiros, filhos de um país privilegiado na partilha dos dons providenciaes, não ha necessidade de esforço para querer a patria.

Si ao habitante das rudes paragens polares ou dos estereis desertos africanos, é mister raro e sublime desprendimento para se deixar morrer pelo seu pedaço de terra, tornando-se-lhe o amor da patria um sacrificio heroico, a nós, que vimos a luz nesta terra amavel entre todas, femininamente acariciadora e meiga, que empolga, com seus amavios, os proprios estrangeiros, terra de encantos imprevistos, de bellezas incomparaveis, nenhuma virtude se exige para sermos patriotas, e, ao contrario, innominavel crime fôra deixar de amar esta terra bemdita.

Gravae estas idéas no cerebro de vossos alumnos. Que elles aprendam a ver na Patria a mãe commum de todos os brasileiros, que possa estreitar, num grande osculo de paz, num grande abraço de fraternidade, todos os seus filhos, desde os que mourejam nos sertões nordestinos, nos seringas da Amazonia, até os que luctam nas ferazes terras roxas do Oeste, nos altivos alcantilados mineiros e nos pampas silenciosos do sul. . . .

E para rematar, repetir-vos-ei estes versos, cheios de sagrada unccão religiosa e de vibrante emotividade, versos, que são verdadeira oração de civismo, escriptos por um dos maiores poetas brasileiros da actualidade, para as vossas collegas, as Normalistas de S. Paulo:

Em vós, que ides semeando as leiras do Futuro,
De onde a planta ha de vir, o remedio seguro
Ao seu lethargo está, a sua salvação.
Chamae, como Jesus outrora, os pequeninos,
Falae-lhes do Brasil, entre louvores e hymnos,
Dae a grande lição!

Ensinæ esse amor da patria, com a grandeza
Do que é nosso. A' lição vasta da Natureza
A dos homens juntae e a historia da Nação.
Não vos hão da faltar nomes, que amando a terra,
A gloriam na paz ou nos campos de guerra,
— Penna ou espada na mão!

Gorgeie a escola. E á voz da escola se misture
A de todo labor, — sôe enxada, e segure,
Mina, engenho, tear... Ao coqueiral de pé,
Passando, a ventania une todas as palmas:
Corra um sopro de vida e una todas as almas
No trabalho e na fé.

Longe este desamor e feia indiferença!
Hausto mais forte de ar, hausto e mais luz de crença
Dae-o vós a beber e animo varonil!
Recúa toda sombra ao sol triumphal que avança:
Fazei surgir o sol, entre hymnos de esperança,
Levantae o Brasil!



A Lembrança

do Paraíso

APARTANDO-SE da sua real comitiva, e tomando por um largo atalho da estrada, Alexandre tencionava entregar-se por certo tempo a uma absorvente meditação sobre o resultado das suas vastas conquistas.

Quão diverso, porém, foi o emprego desses instantes de solidão, com a atenção distraída pelos aspectos da região a que o levou o atalho afastando-o cada vez mais do caminho que seguiam suas hostes.

Depois de estereis e incultos terrenos, seus olhos enfim descobriram uma planície illuminada por um bello sol, como o sol da sua gloria! Muito ao longe, esmaecido, o azul de apraziveis montanhas. Na exuberancia da vegetação, na transparencia e suavidade do ar parecia que o país recebera do céu o dom de uma eterna primavera.

E que leve aroma de matta virgem, de plantas silvestres, que a aragem da manhã trazia em seu seio ! A's vezes, as tranças das arvores ramalhavam derrubando a oliente chuva de suas flores em botão e outras vezes os galhos vergavam-se achaparrados com a abundancia de seus frutos avelludados. Grinaldas de lianas debruçavam do alto os calices rubros ou violetas de orchideas desabrochadas.

De vez em quando enchia-se o ar de um turbilhão de cores e de sons : era um bando de aves que de um souto perto levantava vôo com alacre tatarlar de asas ruidosas e de omnichromia cambiante na fulgurante luz da manhã.

A' frente de Alexandre surdiu um soberbo cervo de galhos arrojados e com o olhar como de desafio ás flechas de Alexandre comose Alexandre trouxesse a aljava. . . .

Depois correu em desabrida, aos galgões ageis de selvática alegria. .

A custo se via outra rocha, tão coberta andava de hera e toda banhada de aguas cantantes e crystallinas...

E já o doce sussurro d'agua indicava ao Bucephalo a delicia de um ribeiro proximo, e o nobre animal já alargava as narinas no goso de se dessedentar. Mas depois de abrir com o focinho grandes circulos na limpidez da corrente, com os beiços soprando recusou sorver um pouco que fosse . . E foi Alexandre que admirado quis provar aquella agua de crystal tão leve e tão fresca Era de sabor exquisito não obstante o delicioso resaibo. E aquelle regato que fugia debaixo da sombra, com os seus esportos cardumes de topazios, rubis e esmeralda de escamas scintillantes, quer no fundo como á tona dagua, o espectáculo daquella tão fantastica fauna ichtyologica, a graça de pequenas praias, o elevo de remansos, tudo de certo o reteria alli no encanto e sortilegio das coisas simples e até então ineditas á sua vista.

Mas o dia ia alto e era preciso proseguir. E o filho de Felipe continuou a jornada feerica, já de ahi sentindo a alma como que alliviada dos pesados e rubros cuidados das suas guerras sem fim, e com o esquecimento das façanhas, das victorias, das ambições, da gloria, parecia-lhe que uma dormente serenidade lhe suavizava todos os humanos pezares...

.....
Agora um largo portão lhe abria as folhas de par em par, expansivo como o convite de entrada para um lar amigo. .

Com os olhos cheios de curiosidade, Alexandre desejou vagar tambem pela campina florida que além se descortinava e já chegava a meio do arco abobadado, quando sentiu o acesso embargado como por uma invisivel muralha contra a qual seu animal estacava...

E o grande homem de guerra teve que apeaar ante o gesto de formal prohibição de um lindo soldado

que em sua frente se postou. Alexandre admirava attonito tanta feminina formosura, de par com energia tão varonil, suppondo-se em presença de uma creatura do Olympo, quando o sobrehumano guarda com humana voz lhe ponderou:

— Aqui não és admittido. E' esta a casa do Senhor.

Alexandre teve gana de rir, mas polidamente e com disfarçado orgulho, replicou-lhe:

— Eu sou o Senhor, o senhor do mundo. Sou o maior vencedor.

— Aqui entram outros vencedores, redarguiu-lhe o archanjo, — os que vencem as suas paixões.

Então Alexandre convenceu-se que de facto se achava ás portas do Paraiso.

Existia, pois, esse lugar de delicias sobre o qual ouvira narrar pittorescas lendas na imaginosa Judéa. Segundo interessantes versões, era a habitação dos justos e dos bons, e com que magua Alexandre bem sentia em sua consciencia que muitas vezes lhe faltaram a serena justiça e a sincera bondade.

Conforme outras noticias, era tambem a mansão do repouso, e Alexandre ainda desejava encher o mundo infinito e os seculos sem fim, com o seu excelso nome soprado pelas cem trombetas da Fama. . . Não, o lugar de certo não era para elle, — nem pelo proprio merecimento, nem pelo proprio desejo.

Oh, mas sem duvida lhe seria grato qualquer testemunho do que os seus passos, sob os quaes a Terra abalava sepultando cidades, tambem chegaram até alli. Até lhe seria de prestigio uma lembrança do Paraiso perante os povos religiosos daquella Asia tão exotica nas suas tradições, nos seus costumes, nas suas crenças innumeradas, cheias de semelhanças no fundo como divergentes nos ritos.

Pedi e obteve o signal, a desejada lembrança.— Eis aqui, leva-a, disse-lhe o archanjo formoso que

com certeza a simples meditação sobre este objecto bastará para te curar os attribulados cuidados da alma agitada. Este simples resto talvez te ensine mais philosophia do que todos os livros de philosophia da tua Grecia civilizadora. . .



Agora, na sua tenda, o grande rei enfurecia-se examinando a lembrança do Paraíso.

E os aulicos, astutos de agrados, concluíam, com mostras de sabedoria, que, de certo, se ella era mesquinha para qualquer delles, para o grande rei ella constituia um affrontoso ridiculo. Era simplesmente um pedaço de osso, um pedaço qualquer do esqueleto humano. Mas um velho que nem era admittido no conselho e apenas guardava a tenda com a fidelidade de um cão, julgou dever intervir. Com o emperlar-lhe os olhos de lagrimas e mirar-lhe e enfraquecer-lhe o corpo, o Tempo que dobra os annos, se fizera Venus abandonal-o, enriquecera-o com os conselhos de Minerva.

Julgando, pois, possuir a sabedoria da experiencia procurou acalmar a irritação do seu amo, ponderando-lhe com majestosa serenidade:

— Grande rei, não desdenhe o presente. Talvez elle seja mais valioso do que o ouro e de que a prata, o que podemos verificar experimentando lhe o peso.

Trazida então uma balança, foi inverosimil o que aconteceu: o pequeno osso pesava mais do que quanta joia de ouro e prata e pedras preciosas se collocava no outro prato, parecendo até que cada vez se fazia mais pesado, quanto mais thesouro se punha do outro lado.

— E' possivel que não conheça que pedaço de osso seja este? Vejamos, cubramol-o com um pouco de terra,

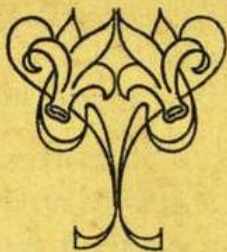
Maior admiração!

Com um pouco de terra em cima, o osso tornou-se leve e o prato das joias desceu imediatamente, bruscamente e por um triz se não quebrou o fiel da balança.

-Grande rei, proseguiu o ancião, esse osso é o da cavidade do olho humano. Limitadissimo no tamanho, o olho humano é illimitado na sua ambição. A riqueza não o satisfaz. Nada na verdade o satisfaz. Parece até que quanto mais vê, mais deseja. Descendo ao tumulo, um punhado de terra é que põe termo á sua insaciavel cubiça.

A felicidade, o Paraíso, é o repouso absoluto.

Cesario Prado.





A BANDEIRA






*Auri-verde, sublime a tremular ao vento
Palpitando, sorrindo em lepidos adejos,
Ella, a Patria nos traz, querida, ao pensamento
Lançando pelo espaço um turbilhão de beijos!*

*Verde da côr do campo e côr da nossa mata!
— E' o futuro a cantar nos labios das creanças;
O esplendor vegetal deste Paiz retrata
Na côr emocional das nossas esperanças....*

*Azul — é o nosso céu — o craneo azul ridente
De estrellas rendilhado—a “luminosa esteira”—;
E' a esphera celeste onde rebrilha ardente,
O Cruzeiro do Sul dessa ideal Bandeira.*

*Corta-a, de um lado a outro, uma faixinha branca.
E' o nosso rio mar, o portentoso rio.
Que em cataclysmo d'agua espadanando espanca,
Garbosamente banha o matagal sombrio....*





*O metal precioso, o colossal thesouro,
A nossa poderosa e rutilã riqueza,
Nesse panno amarelo, em um losango de ouro,
Refulge resplendente em toda sua beleza....*

*O campo, a mata, o rio, o ouro e o nosso céu,
Todo o nosso valor de Paiz soberano,
Envolto tudo está por misterioso véo,
Nessa linda Bandeira—esse sagrado panno!*

*Quando enfunando ao vento a palpitar desdobras,
Farfalhas tremulando em um dansar faceiro,
Juntamente, Pendão, palpita em tuas dobras,
O grande coração do povo brasileiro!*

Franklin Cassiano



NUMA NOITE DE NATAL

Meu avô — o sargento-mór Nuno Anastacio Monteiro de Mendonça — era proprietario de uma chacara á margem esquerda do rio Cuiabá, onde residia grande parte do anno. Dessa aprazivel vivenda, situada a montante da hidraulica, nada mais resta, nem siquer vestigio dos alicerces. Do immenso tamarineiro que lhe sombreava a área do oitão, até as raizes morreram.

Construida pelo professor-régio José Zeferino Monteiro de Mendonça — meu bisavô — com o relativo conforto que a época colonial comportava, a casa principal de morada comprehendia tambem accomodações para hospedes, porque estava nos costumes do tempo exigir como prova de bôa amizade a visita que se prolongava por semanas a fio.

Naquelle pedaço de terra nada relembra o passado. Extinguiram-se os jasmineiros que cobriam as janellas que recebiam o sol do poente, coando a luz viva das tardes abrasadoras. Onde outr'ora floriam as lorangeiras, perfumando o ambiente, e os cannaviaes occultavam o sólo com folhagens densas, agora domina o mato rasteiro, ponteado de paineiras enfezadas.

Era ali, entretanto, que se reunia a melhor sociedade de antanho. As noites de S. João e de Natal principalmente marcavam, sob aquelles tectos, duas etapas de festas encantadoras, mas distinctas.

As festas de S. João eram barulhentas, e abrangiam largos convites; a franquesa se impunha, no terreiro cantava-se o cururú e crepitavam fogueiras com os applausos da petizada.

À noite de Natal tomava feição muito íntima. Além da família e parentes, então numerosos e unidos, apenas tomavam parte na commemoração os velhos amigos da casa. Dançava-se a quadrilha de lanceiros, e havia recitativos e jogos de prendas até meia noite. Quando o antigo relógio de armário terminava a pancada das 12, todo ruído cessava.

Sobre o altar coberto de flores, armado de véspera, resplendia a imagem do Menino Jesus. Começava a missa.

Na madrugada de 25 de Dezembro de 1864, concluída aquella cerimonia religiosa, minha avó recebia esta confidencia estranha, que meu avô lhe fazia:

No seu gabinete, poucas horas antes, havia occorrido um accidente máu. Em torno da mesa de volta-
rete disputavam a partida - Leverger, padre Ferro e o capitão Cerqueira, testemunhas tambem do facto.

De repente desprendeuse da parede o augusto retrato do Imperador: Pessimo agoiro. E rematou:

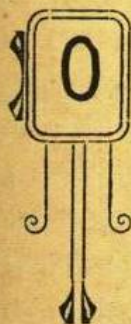
—E' a guerra que vem. Conhecemos, Leverger e eu, os termos do "ultimatum" de Lopez, e por isso nossas apprehensões são iguaes, E' a guerra.

A 1º de Janeiro de 65 ao levantar a bandeira da Thesouraria de Fazenda, veio ao chão em pedaços o escudo imperial. Na tarde de 6, chegou a communicacão official da invasão paraguaia. Aquelle vaticinio, porém, se tornou sabido de alguns, e entre os de minha gente uma verdadeira tradição de familia.

Quanto me toca, não acceito nem recuso: limito-me apenas a perfilhar o conceito de Keyserling ao irracionalismo de Spengler: « O mundo concebido como machinismo de relojoaria, é o enigma mais desesperador que se póde imaginar.»

Estevão de Mendonça

A ortografia da Academia Brasileira de Letras



O sistema ortográfico de 1907, então discutido e aprovado pelos nossos imortais da Academia de Letras, após uma profunda letargia de quasi vinte anos, volta agora à balha, como se tem visto das discussões por que tem passado o parecer da sua illustre Commissão de gramática.

Como já dissemos num *Ensáio lingüístico* publicado no "Jornal do Comércio" desta cidade, número de 17 de Novembro de 1929, êsse sistema levará fatalmente a segunda quéda; ruirá novamente, e os nossos veneráveis acadêmicos voltarão, de certo, a usar a ortografia racional simplificada, o sistema ortográfico português.

Sim, cremos que só teoricamente e apenas pelos seus propugnadores, poderá ter vida a ortografia da Academia Brasileira, agora arrancada ao ostracismo, em que a colocou a propria Academia, quando passou a adoptar a scientifica ortografia de Gonçalves Viana.

Entretanto, já alguém escreveu aventando a má idéa de se tratar da officialização, por uma lei do Congresso, daquele sistema da maior e mais acatada corporação literária do Brazil.

Temos, porém, fé nos legisladores brasileiros, de que se não há-de dar, assim com u'a lei, tão profundo golpe na fonética historica e na etimologia da língua portuguesa, pois a ortografia inventada em 1907, morta em 1912 e agora ressuscitada, é desobediente a certos factos da linguagem, salvo nos pontos que não colidem com os preceitos do sistema usado oficialmente em Portugal, na imprensa e até nos livros didacticos, e aqui

no Brasil seguido religiosamente pelos grandes filólogos Mário Barreto, Sousa da Silveira, Silvio de Almeida e por numerosos professores e escriptores.

Preferível ao sistema da Academia é, por sem duvida, o *usual* ou *misto* - ainda que anarquico e incoerente como se tem provado nas duas nações, em que se fala a língua de Herculano e de Castilho.

O povo recebe sempre de má catadura u'a simplificação ortográfica, que vai tomando pé devagar, com o uso continuado dos eruditos, etc.. Ora, se isto acontece com um sistema que não desadora a história da língua, nem o uso manso e pacífico de séculos, uso de quantos a estudaram com afiço, que não acontecerá com os sistemas revolucionarios, desobedientes, anárquicos?

Nosso *s* intervocálico jámais perderá o som de *s*. As palavras *mês, francés, português, montês, inglês* e todos os adjectivos pátrios com essa terminação, sendo escritos com o *z* final, brigam com a etimologia. Por que razão *êle, aquele, aquela* teem direito na ortografia da Academia ao *ele* geminado--coisa aliás inútil--quando a dita consoante e outras não se dobram noutras palavras?

A simplificação desfere no pobre do *s* golpe tremendo, pois tira-lhe o direito inconcusso de figurar no prefixo *des*, que, segundo o parecer da Commissão de gramática, há de ser escrito com um intruso *z* final: *dez*: dezhonra, e outros vocábulos compostos do prefixo *des*!

Guerra injusta é essa que estão movendo ao *z* os eruditos beletristas da Academia de Letras, entre os quais fulguram homens conhecedores profundos da língua, da sua historia e que conhecem a fundo o evoluer da mais rica filha do Lácio.

Dissemos no *Ensaio lingüístico* a que nos referimos linhas atrás que muito melhor, mais lógico seria que o supremo sodalicio das letras pátrias pleiteasse a oficiali-

zação da ortografia racional simplificada, que era o sistema oficial da Academia desde 1912.

Este sistema, sim, é, de facto, científico, de fácil compreensão e, por isso mesmo, de largo uso em Portugal e no Brasil.

Sem fazer simplificações profundas, que, forçosamente, fazem baquear um sistema de grafia, a ortografia codificada pelo grande português G. Viana e aprovada pela Academia das Ciências de Lisboa acabou com as absurdezias gráficas da *usual* ou *mista*, cortando-as cerce; mandou ás urtigas o *y*, *k*, *ch* com o som de *c* forte ou de *qui*, as consoantes dobradas, salvo *r* e *s* intervocaliços; restaurou fôrmas descuidadas; consertou várias pronúncias erróneas, etc...

Tudo isso e mais, muito mais, fez e está a fazer o sistema português, já usado no Brasil e olhado já com bons olhos pelos ferrenhos inimigos das simplificações em matéria de ortografia, adoptado por alguns jornais redigidos pelos *novos* e, o que é melhor, recomendado por filólogos de nomes firmados, por mestres da língua.

Para que então nova revolução, nova reforma? Isso dará lugar a que cada um escreva como lhe convier: produzirá a anarquia ortográfica ! . . .

(Campo Grande)

Severino de Queirós

ESPIRITO CUIABANO

(Trabalho lido na "Hora literaria")

Nós aqui, habitualmente, procuramos diminuir o valor do que é nosso.

A prata de casa, geralmente, nada vale.

Essa exagerada manifestação de modéstia, que póde ser tambem uma criminosa indiferença pelo nosso successo, tem dado logar a que alguns adventicios menos avisados e crentes na sua pretendida superioridade, se tornem victimas constantes da espontanea e oportuna vérve com que o cuiabano responde ás suas vaidosas invencionices.

Os plagiarios, a que já me referi por occasião da nossa ultima "hora literaria" são do numero desses.

O Juiz enfatuado foi outro.

Furioso por não receber, em dia, os seus vencimentos no Thesouro do Estado, esbravejou contra todos e contra tudo o que é nosso, e, concluindo, gritou: — "é melhor ser carroceiro em S. Paulo do que juiz em Mato - Grosso".

A isso o nosso Manoel Canavarros, sempre amavel e delicado, contestou com fina ironia: — "Mas Dr., a lancha que vos conduziu até aqui, ainda faz carreira."

Entretanto, os adventicios intelligentes e criteriosos, auscultam o sentir e o pensar da população, identificam-se com ella, tornam-se conquistados e acatados, chegando á conclusão de que o cuiabano, só tem de tolo, ás vezes, a cara.

A esses não escapa despercebida a espirituosa bagagem com que a philosophia popular tem enriquecido a collecção de anectodas cuiabanas, collecção essa que, explorada por um regular chronista da imprensa dos grandes centros, daria apreciados volumes.

Para que ellas, de todo, não se esperdicem, repetirei algumas aqui, esperando que alguem de mais aptidão faça, para o futuro, trabalho completo e perfeito.

Na vida do professorado na politicagem, que tanto interessa a empregados e contractantes dependentes do Thesouro, e na vida social, em geral, as anectodas são numerosas.

Ahi vão algumas.

* *

Realizavam-se os exames do Lyceu Cuiabano e pretendia um dos membros da banca examinadora de determinada materia, conferir approvaçãõ distincta a um dos alumnos, tanto que a prova tivera falhas e que por isso, o alumno poderia obter approvaçãõ plena.

— Mas tudo é relativo e elle distinguuiu-se dos outros, allegou o partidario da nota — 10 — e alludindo a 2 individuos, do nosso meio, um de baixa estatura e o outro anão, concluiu: — “pois perto do Marrão, o Franciõha é gigante”.

* *

Reunira-se o Conselho Superior da Instrucção para processar uma professora contra quem foram arguidas certas faltas.

Discutido o assumpto, os membros do Conselho opinaram pela condemnação da accusada e, assim, foi lavrado o parecer.

A professora pertencia, entretanto, a familia de destaque, e vacillavam em assignar o laudo condemnatorio.

— Se vocês estão resolvidos, assignem logo, diz um dos do tribunal julgador; mas se estão com medo de levar relhadas pela cara na viagem, eu tambem sei montar na garupa.

* *

N'um exame de geographia, na E. Normal. A alumna, muito amiga de festas, de passeios e de galanteios e, por isso mesmo, má estudante.

O professor, lendo o ponto:— diga-me lá, limites do Mexico.

E a alumna embasbacada e procurando lêr no mappa:— Ao norte. . . ao norte. . . ao norte. . . e não sahia disso.

O professor, indignado, concluiu: — Ao norte, retreta no jardim, a léste cinema, a oéste namoro e ao sul, bomba.

As senhoras pensam que se casam mais facilmente aquellas que dançam com mais requebros nos bailes?

Estão enganadas; nos bailes são procuradas; mas, para casamento, vai-se buscar, de preferencia, quem não saiba dançar.

* *

Um outro alumno, no Lyceu, merecia ser reprovado pelo seu exame. Como, entretanto, era filho de pai alcaide, a banca relutava.

Sahe-se com esta um dos examinadores: — “Se vocês querem salvar o doente, eu estou prompto; o peor é termos, mais tarde, necessidade de carregar defunto ás costas.

* * *

Fiscalizava eu, como director, os exames no Lyceu e, ao passar em frente a uma das salas, previno a um dos examinadores que certo alummo, copiava a prova de um outro.

— Não faz mal, respondeu elle que conhecia a ambos como nullos. Esses estão como um ebrio que foi levar um outro para a casa; cahem ambos e não se levantam.

* * *

Interessava-me eu pela elevação do numero de cathedaticos no Lyceu e insistia com um interino competente para que fizesse concurso da sua cadeira.

— Vocês o que querem é fazer curro-curro commigo, retrucou o professor duvidoso da bôa vontade da congregação.

Quando resolvem, collocam o milho em ambas as mãos, e á pergunta: — “quer de baixo ou quer de cima? se o outro responde: “quero de baixo,” acerta porque lá está o milho e se responde: “quero de cima,” acerta tambem.

Quando, entretanto, não querem não põem milho em nenhuma das mãos e, em qualquer caso, o bôlo canta.

* * *

Correu com certa insistencia, que o professor Isác Póvoas seria aproveitado em importante commissão, na zona garimpeira, pelo governo do Estado.

Assustaram-se os professores diante do perigo de cada um vir a ser o director, cargo verdadeiramente indesejavel, de tanta responsabilidade e ainda com a remuneração que percebeu em 1880, anno da installação do Lyceu, o avô do actual presidente do Estado.

— Um bom director daria o Fulano, aventaram.

— Eu só accitaria no governo do Annibal, porque quando o marcante é amigo não me incommodo de dançar até com puda. O marcante só me mandará balancear com o vis-a-vis, papuda irá para outro.

**

Falava-se nos inconvenientes ou na conveniencia de uma maior ou menor rispidez nos exames.

—Por mim, estou sempre prompto a ajudar o alumno a pular o muro, ainda que elle caia de nariz do outro lado; dou-lhe a mão, elle põe o pé, apoia-se no muro e faz força para subir. Que elle agora não queira que eu o levante nas costas sosinho.

**

O siô Neco, pistão da banda de musica do Livramento, tem tanto de feio como de espirituoso.

Certa vez, em uma festa, estava elle no seu posto, junto á banda, quando uma mocinha espevitada e falante, e desejando divertir-se á sua custa, perguntou-lhe:

—Siô Neco, cara feia dóe ?

---Creio que não, pois V. mcê. não está gemendo.

**

Em uma roda falava-se animadamente a respeito de augmento de vencimentos.

—Eu não quero que augmentem os meus, diz um velho na materia e pratico, pois se assim fôr não faltará um bacharel para pôr-me fóra do lugar.

O augmento foi feito, e o bacharel não faltou.

**

Extranhava-se que alguém sem mérito politico e perfeita nulidade intellectual fosse aproveitado para logar de importancia.

—Mas isso não foi recompensa feita a elle, explicaram. Vocês quando notarem kagado no páo, alguém o collocou lá. E de que vale ter serviços e meritos? O individuo ficará como a vacca do Totó Pinto.

—Que historia é essa?

—O Totó Pinto, ali da Varzinha, tem uma vacca muito mansa, bôa de leite e que se presta a todo o serviço, Abusam della por isso. A's 4 1/2 da madrugada ella é encangalhada e vai ao rio transportar agua em latas de kerosene; ás 6 horas tiram-lhe o leite e vai para o trabalho de engenho; ás 14 transporta capim, com a bocca bem amarrada para não comel-o, e ás 18 é novamente leiteada.

Em politica o sujeito deve fazer como o individuo de pequena estatura que foi carregar um piano junto com outros mais altos. Elle gritava sempre:—força igual, ajuda rapaziada! mas sua cabeça nem se encostava no pesado trambolho.

O pagamento entretanto foi igual para todos.

Eu ajudarei sempre a botar o bonde no trilho mas, francamente, jamais ficarei. . . papudo.

E' melhor isso do que metter-se a gente a tacar traque e este arrebentar-nos na mão.

* * *

Um bisonho secretario de Dr. Costa Marques pretendeu, instigado por alguns politicos, fazer com que o velho presidente se chegasse ao relho da sua vontade.

A demissão foi o resultado.

Este fez sorte de Massa Secca, commentaram.

—Como foi essa sorte?

O Massa Secca era um rapaz que, no Livramento, passava por muito agil. Convenceram-no de que elle devia tourear, e o nosso homem sahiu na arena.

O primeiro boi que veiu á arena era bom a valer. Deu sorte de toureador e depois arranchou furibundo no meio da praça.

O nosso Massa Secca não teve duvidas, foi desarranchal-o, entre applausos. O boi perseguiu-o furioso e, alcançando-o, levantou-o pelas pernas, atirando-o fóra da cerca.

Elle não mais voltou.

* * *

Estavamos alguns professores encostados á uma das janelas da directoria do Lyceu Cuiabano quando atravessa a praça um individuo recém-chegado e desconhecido,

Veiu logo a curiosidade natural aos mecos pequenos.

— Quem é aquelle sujeito? indagaram.

— Aquelle é sujeito que anda com espeto de carne procurando um brazeiro para assal-o.

E o cidadão era mesmo um piratão.

* * *

O Commandante Paraná, energico e disciplinador dirigente da nossa força publica, adquiriu, para a sua corporação, as duas primeiras metralhadoras pesadas que possuímos e, numa solenne demonstração de força, na occasião mesmo em que o partido politico a que eu pertencia movia ao Dr. Costa Marques exagerada e tenaz opposição, fel-as passear, convenientemente municadas e guarnecidas, carregadas por possantes mulas, pelas principaes ruas da cidade.

— O que é aquillo? indaga um velho eleitor descrente e desconfiado a um grupo de curiosos postado á Praça da Republica.

— São duas metralhadoras; terriveis armas de guerra; cada uma dá 650 tiros por minuto e vale por 250 homens.

— E quantas vieram? reinquiriu o velho, que era um ardente partidario do Dr. Costa Marques.

— Vieram duas.

— Então são mais 500 homens que daremos a Siô Pedro Celestino.

De facto, uma das metralhadoras atirou pela primeira vez no Aricá, contra as forças do proprio Paraná e a outra na Colonia de Miranda, contra as do Major Gomes.

* * *

Discutia-se a possibilidade do pacto da fusão.

— Eu não creio nella; ha tantos odios, tantos insultos separando os dois partidos.

— Pois eu creio. Lá em casa temos um cão e um gato que, como bons cão e gato que são, detestam-se.

Num, destes dias entretanto, rompeu-lhes pela porta a dentro um enorme bode com as barbas e uns chifres de meter medo.

O cão e gato foram parar em cima de uma mesma cadeira. O bode, no caso, é o presidente.

* * *

Está muito bem, dizia-se numa roda, quando se teve conhecimento da escolha do Dr. Mario Corrêa para Presidente. Elle é moço, matlogrossense, trabalhador, intelligente e honesto e fará bom governo. Pena será se elle trouxer o Fulano. E alludiram a um espirito irriquieto e vaidoso que trazia sempre a politica em polvorosa.

— Elle não trará, responderam. Então você vae entrar em um curral onde o gado já está assustado e ainda traz cachorro?

E o gado estourou mesmo.

* * *

Está esquisito, disse eu, ao ter conhecimento dos nomes dos vice-presidentes da chapa Mario Corrêa, os quaes tinham sido escolhidos alternadamente pelas facções antagonicas do Cel. Pedro Ce-

lestino e do Senador Azeredo; os vice estão todos desconfiados entre si; não pode haver unidade de vistas

— Pois assim é que é bom, atalharam. Olhe Tótó Pinto além da vacca tem um burro. Os dous quadrupedes não são lá muitos amigos e elle, por isso mesmo, mette os dous no serviço da engenhoca. Nos giros para moagem, o burro, sempre que pode, morde o rabo da vacca e esta dá um pulo para a frente.

A vacca, por sua vez, quando encontra a corda frouxa, chifra a trazeira do burro obrigando a este a grandes esforços para adiantar-se.

E assim móem cada nó deste tamanho. E mostrava o tamanho dos nós com os dous indicadores e os dous pollegares.

* * *

Pelo que ficou dito, os que me ouvem podem bem acreditar que o cuiabano tem de tolo, ás vezes, a cara.

Philogonio Corrêa





FESTAS POPULARES

São João



S usos e costumes de todas as religiões positivas, tiveram origem nas praticas e idéas da mais antiga barbaria da Asia e do Norte da Africa.

O culto assumiu, assim, as mais diversas fórmas, no seu conjuncto de actos, orações, festas e sacrificios em honra á divindade, o qual, com o decurso dos tempos, vem se modificando até a hora em que vivemos.

Entre nós, as festas populares de São João e outras, vão annualmente perdendo aquelle encanto primitivo, a animação e o brilho de que outr'ora se revestiam.

Ha algumas dezenas de annos, nas vesperas do dia onomastico daquelle que baptizava em Bethania, da outra banda do Jordão, annunciando a vinda do Christo, não passava o povo catholico desta cidade e suas adjacencias sem entreter-se com os actos de devoção tradicionaes, actualmente despidos do brilhantismo com que então eram praticados.

E' que tudo morre e se transforma na face da terra, em consequencia da lei natural.

Nessas noites, que longe vão, as principaes ruas desta *Capital Verde* eram sinistramente alumadas pelos clares de enormes fogueiras, que crepitavam erguendo as suas labarêdas ao estourar das bombas, ao esfuziar dos foguetes, ao estalar dos fogos chinezes, ao espoucar e ao estrellejar dos mais variados artefactos da arte pyrotechnica para gaudio da garrula e irrequieta criançada. Ouviam-se exclamações e gargalhadas argentinas dos pe-

quenos, que corriam e saltitavam com demonstrações do mais vivo contentamento, acompanhando com gritos de prazer e assobios a ascensão dos balões de papel.

Nos salões feericamente illuminados, floriam o encanto e a graça do gentil elemento feminino. O porte distincto das jovens e bellas cuyabanas ostentava-se nos graciosos meneios das danças animadas.

Os pares elegantes voluteavam ao som harmonioso dos instrumentos musicaes, numa inebriante profusão de luzes, de flores e de aromas esquisitos, emquanto os demais convivas, agrupados aqui e alli, entretinham-se em palestras subtis, em meio a maior e mais franca cordialidade.

Naquelles bailes, que tantas recordações dão aos saudosos do romantismo, praticavam-se as valsas, as mazurkas e o minueto, com a característica fidalguia de gestos e de movimentos graciosos.

Hoje, porém, as danças modernas, taes como, o cake-walk, o foxtrot e o charleston, na sua maior parte importadas da America do Norte, traduzem profundo antagonismo entre estas duas modalidades de dança: a dos nossos antepassados e a dos contemporaneos.

Nos bailes do seculo XX, assistimos em nossos salões verdadeiras acrobacias á maneira classica dos gregos e egypcios, tendo, entretanto, uma genese bem diversa.

Outras reuniões intimas eram, nos varios centros da cidade, motivo de alegres serões, onde os dados, as cartas de jogar e outros entretenimentos recreavam a bella companhia.

Porfiavam todos em desvendar o futuro, a bôa ou má sorte que lhes reservaria o destino, nos seus designios insondaveis.

Muitas vezes o horòscopo indiscretamente decifrava segredos cuidadosamente guardados no escriptorio dos corações das jovens consulentes.

A alegria ruidosa era sempre a nota caracteristica

destas diversões, que primavam pela amenidade e franqueza de trato.

Lá, no amplo terreiro, ardia a fogueira, que illuminava as travessuras infantis com as suas enormes linguas de fogo; nas brasas remanescentes assavam-se batatas que eram disputadas com alegria pela criançada, qual fosse manjar muito saboroso.

Alguns rapazes atreviam-se a passar descalços sobre os carvões ardentes da fogueira extinta; e de outra parte, moçoilas saltavam com agilidade e graça por cima do brazido dando vivas a S. João.

De todos os pontos da cidade ouviam-se philarmônicas, sons de piano, flauta e outros instrumentos musicaes e inequivocas manifestações de contentamento popular.

Assim se passava, naquelle tempo, a noite de São João.

Que belleza e que poesia !

Por toda a parte a religiosidade do acto, unindo os corações e formando os élos de uma cadeia unica.

Na casa do rico, comparecia o escol da sociedade e um opiparo banquete era o remate do programma.

Na modesta habitação do operario, na zona suburbana, via-se sobre uma meza forrada de alva e assejada toalha, o nicho todo florido offerecendo á adoração dos fieis uma estatueta ou uma estampa representando o precursor do rabbi de Galilèa, a que prestavam os crentes o culto de uma simples, mas sincera devoção. Geralmente este acto consta de varios canticos religiosos defronte da imagem do santo, onde todos se prostram com humildade.

Porem, depois da oração, seguem com desenvoltura as danças, que se prolongam pela noite e dentro. Termina a festa com o simbolico e tradicional banho da imagem do santo. Esta cerimonia era e é ainda feita nas aguas do rio Cuyabá, ou nas fontes publicas da

cidade, para cujos pontos se dirigem todos os presentes cantando hymnos de louvor.

Fóra do perimetro urbano, na rustica vivenda do lavrador e na pobre choupana do pescador, os costumes differem do meio civilizado.

Observam-se os mesmos actos de devoção, mas, a parte profana consta invariavelmente do indefectivel *cururú*, diversão assás monotona e que consiste em caminharem os foliões em circulo, sapateando e cantando ao som da viola de pinho, do pandeiro e de cadenciado bater de palmas.

Este divertimento tão ao sabor de nossa gente do povo, encontra verdadeiros amadores dessa especie de torneio, no dizer versos improvisados e allusivos ás pessoas presentes e ao motivo da festa.

No terreiro, ao ar livre, o mulhero entrega-se aos volteios do *siriri* do *batuque* e do *São Gonçalo do Amaranthe*.

Dançam e cantam, homens, mulheres e até crianças, em grande circulo batendo palmas, movendo com desenvoltura e graça o corpo, os braços e os quadris, indo de um lado para outro, aos pares, que voltam aos seus lugares apòs serem substituidos por outros, tendo por acompanhamento o persistente bater de um surdo tambor de couro crù.

Ao longe, o rio corre preguiçosamente. E as suas aguas, ora cachoantes, ora tranquillias, reflectem na sua superficie cristalina o brilho das estrellas scintillantes e a basta vegetação marginal.

Nas barrancas e nas bordas arenosas do rio, repercutem os sons da folgança, que se vão perder no silencio morno da matta proxima.

Quando o majestoso Phebo, approximando-se da Terra, tinge com tintas cor de rosa os flòccos de nuvens no Oriente, despertando em seus ninhos a passarada e accordando a natureza toda em hymnos de vida e de luz, o ruido confuso da noitada vae-se amortecendo a pouco

e pouco até confundir-se com o bulício alviçareiro da manhã, que vem surgindo victoriosamente.

Ondas de luz cobrem com seu grande manto doirado os altos montes, os valles tapizados de verdes relvas, a copa vicejante dos bosques umbrosos e as ridentes campinas em flôr.

Os mimosos seres alados, duma variedade infinita, riscam o espaço azulado em varias direcções na rapidez do vôo e enchem os ares balsamicos com a harmonia de seus alegres cantos. O sol nascente doira-lhes as fórmãs e cores da linda plumagem multicolor. Volteiam aqui e alli, voam de moita em moita, dos outeiros para as planicies aos bandos, em alegre chilreado, escondem-se no verde-escuro das mattas e veem, afinal, pousar nos ramos das laranjeiras vergados ao peso de bellos pomos de ouro.

Outras aves de maior porte cortam serenamente a planura azul do infinito, em busca de outras paragens.

Somente a esta hora da manhã esplendida, em que a natureza inteira se desperta em hymnos de vida e de amor, os improvisadores de trovas sertanejas, dominados pelo cansaço de uma noite de folgança, deixam de tanger os seus instrumentos.

E assim, cessaram já desafios á viola, em cujas cordas buscam inspiração para muitas e interessantes quadrinhas, com as quaes se enriquece o *folk-lore* nacional.

Antonio Fernandes de Souza

POESIAS DE JOSÉ BONIFÁCIO DE ALBUQUERQUE

A SELVA DO "BETYONE"

*Salve oh ! frondosa Selva idolatrada!
Augusto templo de oblações divinas...*

A meiga viração

*Sacolejando as ramas das figueiras,
Desprende o orvalho em bagas crystallinas,
Em doce oscillação!*

*Na solitaria e pittoresca brenha,
Monótonas cascatas vão descendo
De meio dos rochedos.*

*A limpha espuma, escorre rumorosa.
De quebrada em quebrada, se esbatendo
De encontro aos aryoredos.*

*Pendem do cúme das floridas arvores,
As lindas trepadeiras, resvestindo
Aquelles hartos troncos.*

*Um tecido exquisito, alli se trama,
E as mimosas flores, vão se abrindo
Entre bordados broncos !*

*Piam jacús, espanejando as azas,
Por entre as verde-negras, boloçantes
Folhagens dos bambús,
Onde, de envolta com o olôr das urzes,
Trilam crebros accordes tremulantes
As ariscas nhambús.*

*Junto ás agrestes rosas e açucenas
Por sob os cajazeiros que, vicejam,
Volitam borboletas.*

*Nas sussurrantes aguas do "Betyone"
Banha-se o bosque e occultas s'enfloréjam
Olentes violetas !*

*Ao languido frescor da rubra aurora,
Sobre o tapiz gramoso e rorejado,
A saracura echôa
Seu cantico estridente, áspero-agúdo
Que pela Selva toda, um tom alado,
Com harmonia entôa !*

*Os festivaes e canoros gorgeios,
Das meigas patativas que esvoaçam
Sobre verde ramagem,
As aguas de "Betyone", então retratam
Dos ceus azues, os nimbos que perpassam
E a confusa paizagem*

*Zephyro, inquieto, silva nos palmares
E vle os bellos léques tatalando,
Em quéru labrandura.
Ao contemplar-te, oh ! Selva incomparavel !
Presinto minha mente ir se banhando
N'um jorro de ventura !!*

AO VATE JULIO MACIEL ⁽¹⁾

*Se pensas que esta terra é hospitaleira,
Te enganas ! ... Com desdem, o povo inculto,
Acolhe o illustre Vate, — o grande vulto
Que chega de outra plaga forasteira.*

*Mas sempre afeito, com gentil maneira,
A dispensar do bruto o tórpe insulto,
O vate então professa o santo culto
D'uma philosophia verdadeira ! . . .*

*Entanto em meio á turba ignara existe
Alguem, que, com o mesmo sentimento
De "amor ao proximo" e que tudo assiste;*

*E descreve sem arte, ou polimento,
N'este quatroze versos, que consiste
D'este colléga o rude cumprimento.*

Miranda — 1919.



(1) Um fluminense, que do Rio veio á Miranda, onde fundára um Collegio bem organizado com o Sr. Pedro Rebúa, e deram óptimas iniciativas do bom ensino. O jovem poeta Maciel, educado e preparadissimo, por isso mal-comprehendido, fôra mal recebido: por isso offereci-lhe este soneto.

QUANDO A VI

*Quando a primeira vez, a vi, contente,
Finissimos anneis de ouro, tão bellos,
Lhe voavam na fronte, levemente :
— Taes anneis, eram seus louros cabellos. . .
Mas, mudei minha vista de repente,
P'ra que meus olhos não tornassem vê-los!*

*Depois, duas estrellas fascinantes
Scintillaram, me pondo pasmo e quêdo:
Oh! que sirios de raios tão brilhantes! . . .
— Bellos olhos, de mystico segredo!
Fui preso em tal corrente de diamantes,
Que, mesmo preso, me tornei mais ledo.*

*Eis que depois de achar-me encarcerado,
Baixando a vista, inda outra cousa vejo:
Lindo botão de roza, perfumado,
Desabrochando com ternura e pejo! . . .
— Era um meigo sorriso aprimorado,
Nos róseos labios, a pedir um beijo. . .*

*N'esse extasis de mórbida surpresa
Por entre as petalas do "botão de roza",
Furtivo contemplei cutra belleza:
Fino fio de perola preciosa. . .
— Seus alvos dentes—pela Natureza
Alli enfeixada, em bocca tão mimosa.*

1907.

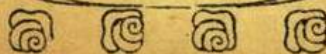
DESILLUSÃO

*A illusão em meu peito, sempre tece
A mais idyllica felicidade...
Mas a minh'alma em nuvens d'ansiedade,
Vagueia pelo espaço, e assim padece!*

*C'um suspiro na ethérea Immensidade
Invóco áos Ceus, em tão constricta préce,
Para a illusão que no meu peito cresce,
Um conforto, um bocado de Piedade! . . .*

*Presinto que isso já me causa damno!
Mas a Esperança, é o doce lenitivo
Que sempre afaga o pobre sêr humano*

*Da illusão não mais quero ser captivo!
Ascenda a luz do santo desengano
Nas trevas da illusão em que ora vivo!*



No fundo de um "Bahú Velho"

Escreptores ha que ficam com os seus nomes envoltos em uma gaze de sympathia e admiração presos á nossa mente, já pela delicadeza da phrase, que elles a possuem, já pelo elegante estylo convincente e engalanado pelos atavios duma linguagem rendilhada e fina.

Viriato Corrêa prendeu a nossa imaginação dês que tivemos o ensejo de folhear os seus primeiros livros, em que nos resaltou sempre, além da profunda erudição do escriptor, o artista primoroso e senhor de themas admiraveis.

Mais por isso do que por outro motivo, certamente, a occasião que ora se nos apresenta para escrever — nós os humildes rabiscadores da imprensa — estas ligeiras linhas sobre um dos seus ultimos e apreciaveis livros denominado "Bahú Velho".

E tal foi a alegria com que recebemos essa collecção de contos do consagrado escriptor, que nos dispuzemos logo a revistar, uma por uma, as peças ou fardões antigos, espadas de antepassados, leques, commendas, alfarrabios, emfim quejandos, existentes no fundo desse "Bahú Velho", pesado e rustico, como está illustrando a capa do seu livro.

E foi, pois, da leitura deste, que uma pequena contradicção saltou aos nossos olhos, e da qual não failariamos si ella não tivesse, como tem, um cunho historico, que se prende ao Brasil dos primeiros tempos.

Em um dos seus contos "Festas seiscentistas", o escriptor diz, «que tem um immenso sabor de curiosidade e o sabor particular das velharias curiosas aquel-

la pagina do 5º volume do Instituto Historico, em que um chronista anonymo descreve, em 1641, as solemnidades estrondosas com que a heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro festejou a aclamação de D. João IV ao throno restaurado de Portugal .

E com o documento historico desse chronista elle descreve as festas, frisando com palavras daquelle que «na mais opulenta cidade ellas não podiam ser mais lustrosas».

E mais adeante, fazendo uma descripção minuciosa desses festejos, que duraram muitos dias, elle finalisa com palavras desse historiador : « — só na segunda feira as festas terminaram.

Terminaram com “um alardo que os estudantes ordenaram dando mostras de que tambem quando fosse necessario em serviço de Sua Magestade, saberiam disparar o arcabuz, como construir os livros”.

Por essa descripção, somos informados que naquella epocha, em 1641, os estudantes já faziam manifestações a Sua Magestade, com caracter de gente de acção e disposta.

Mas no fundo desse mesmo bahú fomos encontrar, já numa das ultimas paginas, um conto — “ O heróe dos estudantes” — que, como o primeiro, não deixa de ser de um lavôr literario de subido merito.

Vamos transcrever alguns trechos desse conto: —

«Qualquer espirito de vulgarissimas qualidades de observação e senso commum, ao entrar na intimidade da sua historia, tem a cada passo um espanto.

Não são as bellezas, os grande lances, os surtos épicos, que nos surprehendem.

São as mentiras.

A historia do Brasil está atravancada de mentiras.

Todos nós que passamos pelas escolas primarias fomos ensinados, que pela invasão de Duclerc no Rio de Janeiro, Bento Gurgel do Amaral á frente de um punha-

do de estudantes, ali na rua Direita, destroçou e venceu a columna do corsario francez.

As creanças de hoje aprendem essa passagem gloriosa de uma maneira mais incisiva e mais brilhante, por aquelle admiravel conto de Bilac - *A defesa* - dos *Contos Patrios*" - escripto rigorosamente para a meninada das escolas.

E' uma mentira da historia brasileira.

Raros são os historiadores brasileiros que não fallam dessa phalange de estudantes que Gurgel do Amaral commandou.

Varnhagen, o mestre, embora não se refira a Gurgel do Amaral, allude aos estudantes.

Em Southey lá estão os estudantes, em Rocha Pombo tambem, em João Ribeiro a mesma cousa.

Em todos, emfim.

Todos mentiram.

E não é necessario um grande esforço para verificar-se o erro em que cahiram os nossos historiadores.

Quando se deu a invasão de Duclerc no Rio de Janeiro?

Em agosto de 1710

Que era o Rio de Janeiro naquella epoca?

Que era a instrucção publica naquella quadra?

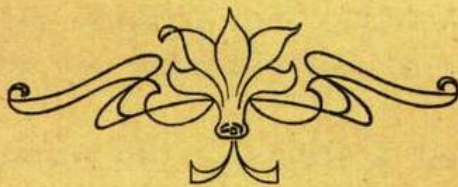
A cidade não era mais do que uma aldeia grande, a instrucção era absolutamente nulla, inteiramente inexistente.»

Ora, si em 1641, os estudantes alardoavam que estavam dispostos a disparar um arcabuz si o serviço de S. Magestade necessitasse, com mais forte razão devemos acreditar nas palavras de Rocha Pombo, João Ribeiro, Varnhagem, Southey relativamente á invasão Duclerc no Rio, pelo facto desta se ter dado no anno de 1710, portanto, sessenta e nove annos depois das festas em

honra da aclamação de D. João VI, em que os estudantes já tomavam parte saliente.

Foi a admiração que temos por Viriato Corrêa e a atenção com que lemos sempre os seus escriptos que nos fizeram encontrar no fundo do "Bahú Velho" a traça que sempre existe em tudo que é velharia.

Vandoni de Barros.



DEANTE DO TUMULO

Quando, deante do túmulo sagrado
Que te desfez em poeira a formosura,
Eu, de candentes lagrimas banhado,
Vou chorar minha aspérrima ventura,

Na querida memoria do passado
Me appareces, eurythmica feitura,
Como quando fulgias ao meu lado,
Harmoniosa, suprema, excelsa e pura.

Vejo tua divina linha ebórea,
E na luz de teus olhos, que me invade,
O mesmo amor antigo revelar-se...

E enquanto surges respizando gloria,
Minha alma morta, morta de saudade,
Desce no teu sepulchro a sepultar-se.

Raul Vilá

TERRAS DO DESLUMBRAMENTO

IMPRESSÕES DOS GARIMPOS

Vae o *Dodge* correndo pela estrada, n'uma pontualidade amiga e fiel de quem tem uma almada gente.

Fixa-se a minha vista em morros, que deixaram de ser pyramide porque os construiu a Vontade Divina entre mattas seculares, e entre campos, e entre valles, e não o querer dos pharaós, entre o areal, para munificencia da materialidade pomposa do poder real.

Se desço aos valles, como que elles me fogem e se galgo ás alturas do chapadões, como que se approximam... E fito-os, n'uma alegria sã, contemplativa, ou porque os avisto, ou porque penso que elles tambem me enxergam....

O certo é que essas sentinellas do mundo estão sorrindo ante os meus olhares que lhes enviam affagos de admiração... Perto de Poxorêo....

A matta cortada a meio.

Ainda debruçado parallelamente ás margens do caminho, velhos troncos de arvores gigantes (onde os carcômas se banque-teiam) que o machado, preso ás tenazes de mãos callosas e vibrado por braços robustos derrubou... a mando da civilização. Deixaram ellas de ser, ao cahir e ao morrer, o abrigo das corças e das onças e o sanctuario das aves e dos ninhos.

Poxorêo!...

Possue mais de duzentas casas, muitas das quaes sendo cobertas de telhas de zinco e (de pao a pique) encerrado por uma liga (feita de um barro muito branco, que pode ser kaolin e duas partes de areia), que dá asperedes uma côr muito branca e certa resistencia como se nessa composição houvesse entrado um pouco de cimento.

Assenta á margem direita do rio, que lhe deu o nome, e um volume de agua bem maior que o Coxipó do Ouro.

Antes dous kilometros, pouco mais, pouco menos, de se chegar á povoação diamantifera, atravessa-se o ribeirão Arêas tributario do Poxorêo, um pouco menos profundo e largo que o seu captador.

A nova povoação tem diversas ruas, largas e bem alinhadas, (sendo a principal a avenida Mario Corrêa), um bello campo

de Foot-ball, além de casas espalhadas em derredor — como arrabaldes do futuroso núcleo nascente.

Construída no centro da grande mata onde os Bôrôrs, outrora dominadores da região, disputavam ao jaguar, que a flexa indígena espicava o coração, os tapys e os caetetus, e debruçada sobre o formoso rio que lhe deu o nome, como a mirar vaidosa no espelho sem jaça dessas águas cristallinas a esperança — rede de pennas onde os sonhos se balançam — de que são ellas um correio sussurrante a levar, a levar, noite e dia marchando, a outras plagas a nova alviçareira de que um novo centro de riquezas e de progresso nasceu e cresceu na derrubada da mata virgem, onde a lavoura prospera e no revolver dos monções diamantíferos dessas plagas sertanejas que se vão rendendo aos esforços perseverantes do homem. Poxorêo parece ser uma nova Carthago de seio aberto aos que procuram os encantos da vida proporcionado pela productividade do trabalho. Poxorêu, e, mais adiante, Pombas, são uma patria nova que Mato-Grosso offertou aos brasileiros que fazem medo ao desconhecido, que fazem do labor diario uma bandeira, da coragem um escudo e da patria um templo para as suas vibrantes preces cívicas.

Homens acalentados pelo ideal das riquezas honestas, arrancando de um moirejar rudissimo o conforto com que a opulencia amenisa as exigencias do viver, desmoronam os montes, deslocam os *emburrados*, removem as pedras, desmontam as serras, destocam as mattas, escavam os valles, e vão buscar sobre a piçarra, nos leitos do cascalho fino, onde dorminam, as pedras preciosas que engalanão os senhores da fortuna.

Qualquer dirá ao comprehender a alma persistente e a intrepidez, ante os elementos, desses bahianos e pernambucanos, cearenses e parahybanos, goyanos e maranhenses, denominados estes *nortenses* ouvindo-os, no seu convívio muito amigo e hospitaleiro, que elles têm a coragem de Fernão Dias Paes Lemeo immortal de Bilac - esses homens, que desencantam o mal-assombro dos peráos, e dos quaes as serpes fogem, e a cuja vontade a natureza se rende.

Moços, na sua maior parte, fortes, musculosos como atletas é um encanto ver-se esse povo irmão, a quem trabalho tão rude fascina descobrindo no seio da terra, lá onde as raizes da *piuva* não podem mais penetrar, estrellinhas luminosas que os cataclismos forjaram nas vascas vulcanicas de incendios millenarios, no tempo de muito aquem, quando o carbone se crystalisou, descobrindo-as com o mesmo anceiar alegre com que o astronomico

descobre no céu velhos astros — novos — na recencia do achado feliz, . . .

Ahi, entre elles — os garimpeiros, — no meio delles remirando aquella gente até ao âmago do coração, revivi na sua alegria incompleta e na minha, a contemplar-se ainda, a tristeza das saudades do nosso norte, da aldeia natal, das praias e do sertão, e eu me senti tão parecido com elles até os igualar, por que nós outros somos poetas de illusões fagueiras, guardando no coração, ao compasso das pancadas, a lembrança immorredoura dos ultimos adeuses, com que deixamos o berço natal, sem esperança de revel-o, condemnados a ser emigrantes dentro da propria Patria, em busca da Chanaan dos venturosos sonhadores . . .

Todos nós que viemos a Matto — Grosso — para aqui-temos n'alma a alma sonhadora do garimpeiro, digno de ser admirado como o symbolo do esforço humano, ostentando, por certo, a superioridade que caracteriza os fortes que avançam para onde creem encontrar o sorriso tentador da felicidade.

E' mais facil de vir que de voltar.

O esforço para mui longa jornada a terras longinquas deixa a coragem anesthesiada para a tentativa de um regresso ao ponto da partida.

A região distante que se alcançou, sendo o proprio Brasil, o mesmo paiz amado; para que voltar, se muita vezes o amor nos prende com carinhos novos e sinceros, se a natureza nos empolga com encantos novos, e se o orgulho de conhecer regiões immensas, assoberba o nosso amor proprio de brasileiros ?

E as saudades se consolam, aquietando-se, como crianças enganadas, carregando gravada no espelho perenne da imaginação o retrato dos entes queridos, que ficaram de olhos lacrimejando e coração a bater, sobresaltados de penas, aos quaes depois as cartas falam e choram, e d'elles cartas vêm contando e vem narrando os repetidos episodios da infancia, da juventude, a partida o retorno que se não realisar á s mais das vezes, os carinhos de mãe... todo esse poema inspirado e santo que o amor escreve, desde que o mundo é mundo, nos recessos sagrados dos penates.

O garimpeiro não é, como se imagina, irmão do *caucheiro*, que passa pelas selvas como um tufão bravio, a derrubar as arvores que buscam (abrindo janellas nos telhados verdes e ondulados das mattas, por onde o sol vae dar beijos de luz na terra, que, não via, ha seculos) e pairam emquanto a seiva se coagula, e a noite domina.

O garimpeiro raramente regressa á terra em que nasceu, e os poucos que se vão, habituados a tentar fortuna, como os que ficam, e habituados a ficar ricos num instante feliz e a emp-

brezer em alguns dias, por força da prodigalidade a que se habituou, é como um jogador inveterado que não considera bem seu os últimos ganhos, com que a sorte o favoreceu na ultima noitada...Este é um escravo do vicio e aquelle é um mourejador captivo da esperança.

Tão só a differença que os distingue.

O que vae, quasi sempre regressa, porque, na terra natal, o ideal ambicionado outrora que não realisara, conseguido no presente, se torna extemporaneo e monotono em face da existencia agitada, a que se habituou. E volta o prodigo, e cahindo na necessidade, — escondendo-lhe a terra os diamantes, encontra prodigos que o auxiliam a se manter, assim como elle já amparou e amparará, quando os caprichos da sorte o quizerem, a todos aquelles que precisem de seus recursos, que virão, por certo, captados pela tenacidade do seu labor em busca das joias raras, escondidas no seio rijo, mas farto, da sua patria nova.

O garimpeiro, como é, se parece com o cascalho que elle desmonta e remove. Desmonta-o daqui e remove-o para perto. Ambos ficam sobre a mesma terra. Parece que o monchão, onde aprendeu a garimpar, e do qual extrahido o primeiro diamante, que faiscou brilhou com o fulgor de todos as esperanças, ante os seus olhos supplices, que ora se accendiam de inquietude, e ora se acalmavam de resignação, tem para elle o sagrado valor do atrio de um templo onde ajoelhado aprendeu a fazer a oração confortadora do seu futuro risonho, e a recordação immortal da primeira e da mais animadora caricia de hospitalidade que o seu novo habitante lhe concedêra.

Irã visitar outras minas, cuja fama — el-dorado -- chegou aos seus ouvidos; vae, mas volta em breve porque no primitivo ponto de seu novo bérço, vibrou, em extasis, no contentamento indiscriptivel da primeira descoberta, e armou o seu primeiro rancho que aos poucos transformou n'uma casinha de parede de barro, branqueada a tabatinga, derrubou, roçou, *encoivou*, queimou umas braças a mais da matta em torno da sua vivenda, e cercou e habitou-a, e o garimpeiro na estação chuvosa se transforma em agricultor porque as aguas dos rios transbordando do leito se aprofundam e acceleradamente correndo, lhe não consentem o mergulho e porque o peso da terra molhada, encharcada que se gruda aos cascalhos que transporta em surrão afim de laval-os á margem das lymphas, lhe torna o trabalho difficil e penoso. Na lucta o homem, ao soffrer algumas derrotas, torna-se um luctador, sempre em guarda para defender-se dos ataques, com que a adversidades da sorte se compraz em sorprehendel-o.

Por isso mesmo, os garimpeiros, vendo como o producto dos seus titanicos labores se esvaiam em troca da sua manutenção, tornaram-se, muitos delles, agricultores e criadores.

* * *

O homem d'aquellas plagas vale pela temperada resistencia em que se forjou.

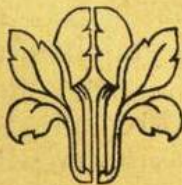
Possue no coração um thermometro que não tem os numeros baixos denunciadores do frio que o medo gera, mas regula somente a temperatura maxima do alto calor da coragem.

Póde ser que se dome um povo a bala, como luctou por fazel-o o governo passado, porem, dessa cathechese violenta perdurará, restará nos vencidos o peor de todos os sentimentos que é o odio surdo como o *fogo do monturo*, ao passo que a palavra resumbrante de esperanças, de affagos, de consolações e de fraternidade não só consolida mais a mais a amizade congregadora dos amigos, como conquista os proprios inimigos para uma duradoura confraternisação de Paz.

A bala amaina a razão, pacífica aparentemente, mas o odio cresce, muitas vezes, n'um silencio coagido, que se desfará amanhã, mas a palavra carinhosa e convincente, burilada na verdade de sentimentos puros, pacífica e pacificará para sempre, deixando nos corações uma especie de jardim divino, onde todos os dias de momento a momento são regados pelas neblinas mornas da sinceridade as roseiras encantadoras do Amor.

(Excerpto de um ensaio a apparecer)

Octavio Cunha



E ella, com ser de uma simplicidade *sui generis* e não ter o habito de palestrar com outros moços, desde muito comprehendera que Juliano já não podia mais deixar de vê-la todos os dias.

Estava assim preso, para difficilmente escapar-se-lhe.

Tambem ella, no que fundo dedicava a elle *uma cousa* que não sabia definir, esse fogo que queima sem arder, já tinha suas noites de somno tardio; e quando Juliano tardava em chegar, ficava interiormente inquieta, não sabendo disfarçar sua molestia senão cuidando nervosamente de umas rozeiras que constituíam o jardim da vivenda; ou si era noite, simulando leituras que não fazia.

Juliano costumava penetrar na residencia de sua querida sempre á tarde, alli ficando até ás 20 horas.

Na sua chegada era sempre recebido, ora pelo velho, ora pela filha, sendo introduzido na sala de visitas, já muito sua conhecida.

Certo dia o capitão Tavares estava fóra; e foi Izabel quem o encontrou fazendo-o assentar-se, como de costume.

Juliano apesar de ser calmo e forte, parecia nervoso; e a sua falla, nas primeiras palavras sobre qualquer assumpto preliminar, era um tanto rapida.

Aproveitando-se de estar á sós com Izabel, dada sua resolução premeditada, disse-lhe:

-- Menina: hoje vim disposto a jogar a sorte, arriscar-me. Poderei pedir a sua mão?

Izabel, não obstante esperasse este desfecho, enrubeceu, abaixou os lindos olhos e após alguns segundos de curta respiração febril, respondeu, sem o fitar:

— Sim.. E levantou-se, dirigindo-se a elle, estendendo a mão direita.

Juliano, rapido, fazendo o mesmo, veio encontrar a, agarrando-lhe com ambas as mãos a dextra offercida, deitou nesta um sentimental beijo...

Sellava-se por esta maneira um santo amor entre duas almas que haviam nascido uma para outra.

Antes, porem, que se separassem, assomou á porta o velho Tavares, que vendo-os n' aquella posição, disse com risonho ar:

— Que seja para bem...

Juliano recuara; mas sem se perturbar, objectou:

— *Amen*.... Eu de facto, consultava a ella se me acceitaria. . . e como a resposta fosse affirmativa, trocavamos *este cumprimento*...

— Muito natural — disse Tavares emocionado. Nesse caso....

Tenho a honra de fazer-lhe o pedido de casamento....

—Que acceitamos agradecidos adiantou o mesmo.

E abraçando-se os tres, confundiram as lagrimas da satisfação que aquelle feliz momento lhes proporcionara o acaso.

* *

Tres mezes depois celebrava-se o consorcio; vindo Izabel para casa do seu esposo, onde a vida nova lhe pareceu a melhor possível.

O amor do esposo crescia, á proporção que o contacto com a esposa se tornava mais intimo; e elle bemdizia a hora em que tomár a tão acertada deliberação.

Si antes era apreciado pelos amigos e companheiros, pelo fino trato e amenidade, agora ficára mais expansivo; dando mostras de que desfructava a paz do seu lar.

Por seu lado, Izabel estampava em seu bello rosto o cunho de infinita satisfação, que lhe proporcionava o inexcedível amor de Juliano, a que ella fazia por muito de conservar e corresponder.

PESO DA SORTE

(Conto)

Havia já passado mais de anno que Juliano frequentava a casa de José Tavares, um official reformado, que morava no fim da rua do Carmo.

Alli existiam, alem do chefe, sua esposa D. Maria de Nazareth e a filha de nome Izabel, que orçava pelas 18 primaveras.

Esta era uma creatura adoravel e de formozura attrahente, alliando estes dotes um genio calmo e bem disposto.

Sempre rizonha e docil, a todos agradava.

Juliano, rapaz da élite local, não mais occultava a sua paixão por Izabel que tambem não lhe era indifferente.

Quanto aos paes desta, vendo que se tratava, como vulgamente se diz, de um *bom partido* aguardavam serenos o resultado da preferencia de Juliano por sua filha d'entre outras moças.

Assim é que o nosso heróe ja era tido como familiar na casa, passando até mesmo aos olhos do publico, que em tudo se envolve, como noivo da filha do velho servidor da patria.

Para elle, isso importava em compromisso, a que ja não podia esquivar-se.

Juliano Moreira attingira os 30 annos, idade em que o celibato já peza e a necessidade de uma companheira se faz sentir com mais ou menos força.

E como todo homem, antes de dar o passo mais importante da vida, qual o da creação da familia, costuma balancear a sua actualidade para calcular o futuro, elle assim fez.

Dispunha da propria casa em que assistia com a sua velha mãe, D. Victoria; era funcionario municipal percebendo 300\$000 mensaes, alem de mais 250\$000 que lhe rendiam alguns pequenos predios que herdara do seu fallecido pai.

De natureza era elle economico; e por isso tudo lhe chegava, sobrando ainda para guardar.

Quanto á pretendida, que já conhecia sufficientemente, pois que desde o começo da frequencia elle a observava attentamente, estava certo de que a sua escolha fora boa, em todos os sentidos.

Pensou, pensou. . . e deliberou fazer o pedido, precedendo licença de sua mãe, para quem era um filho extremo e dilecto.

Não sendo mais estranho na familia Tavares, julgou desnecessario de usar das formalidades de carta ou de *embaixador*, achando mais simples tratar verbalmente do assumpto, uma vez que se considerava seguro do exito; apenas confabulando antes com a jóvem sobre a sua resolução.

E' que embora elle, durante o tempo que assiduamente ia á residencia desta, uma só vez não lhe fallara em amor, nem dera a comprehender o sentimento, isto porque não abrigava a certeza de se casar com ella.

Trabalhavam, porém, os olhos de ambos. . . que por si sós diziam tudo, traduzindo os rudimentaes problemas da paixão reciproca.

Passou o primeiro anno de uma vida de flôres e risos; e tanto os paes de Izabel como a progenitora de Julian^o se mostravam contentes da sorte do joven par.

E assim continuava.

Juliano, cada dia mais apaixonado por sua mulher, sentia que não poderia viver sem ella, de quem só se separava nas horas do expediente do seu emprego.

Um era sadio e outra nada soffria.

N'aquelle ditoso lar soprava a brisa encantadora do enlevo perfumado por uma atmosphera de venturas: casal bem relacionado na sociedade, não era dispensado de nenhum convite de festejos.

Terceiro anno.

A deliciosa phase dos entrelaçados ainda era a mesma quando uma desagradavel surpresa veio interrompê-la. Decretos da lei terrena, consequências fataes de ter nascido!

Sem causa conhecida, e muito menos provocada, o bello rosto de Izabel, perdendo a sua anterior formatura, começou a encher-se de manchas arroxeadas e salientes, convertendo-se, pouco a pouco, em borbulhas agrupadas em diversos pontos.

Assustado, Juliano, com este facto, chamou sem perda de tempo, o medico do logar, um só que havia, porém bom.

Este, após nitido exame, pediu papel e, silencioso, recitou dous medicamentos, para uso interno um, e externo outro; bem assim a respectiva dieta, com abstinencia principalmente dos alcóolicos e dos estimulantes.

E retirou-se dizendo que voltaria no fim da semana (era principio desta). Juliano, de excessivamente incommodado que ficara com a doença da esposa, tornou-se depois alarmado pela medicação e regimen receitados.

Sua tristeza se communicou á esposa; e em ambos cessara a acostumada alegria. E uma vez que já não podiam comer do mesmo prato, apartados pelas circumstancias das horas marcadas pela dietetica, Juliano passou a consolar-se apenas com sua mãe, que occupava antes o terceiro lugar na meza.

Passaram-se mais tres semanas, e a enfermidade não cedia. Ao contrario. Em todas partes do corpo da pobre doente como sejam: mãos, pés e até costas, foram simultaneamente apparecendo iguaes tuberosas, de character gravissimo.

O medico, que desde o principio conhecera os symptomas do terrivel morbus, não queria os revelar ao dedicado esposo, que tambem era seu amigo.

A doença resistia ao tratamento, aliás eenergico, proporecionado pelo facultativo; e nada faltava que não fosse empregado para, quando menos, atalhar-lhe o curso.

Juliano era incansavel em acudir de toda fôrma á sua idolatrada esposa, que até então não lhe dera o menor desgosto. Izabel, para elle, era, a vida; sem ella, não podia presuppôr como haveria de ficar.

As visitas, a principio, frequentes da vizinhança, foram rareando ou para melhor dizer, extinguindo-se porque, á bocca pequena, posto que surdamente, já corria o boato de que Izabel estava morphetica, noticia que se foi espalhando.

Da pobre, que comprehendia, por intuição, o seu estado, a julgar por outros identicos que tinha visto, apoderou-se uma tristeza que dava pena aos que com ella lidavam.

Eram, tambem, sómente quatro pessoas: o marido, os paes e a sogra.

Aquella casa, tempos antes, um ninho de alegrias, estava agora reduzida ás proporções de um apartado isolamento no qual a desolação fizera morada.

Pouco a pouco os tuberculos foram crescendo para depois irem-se profurando.

Juliano pedira alguns meses de licença ao chefe da sua repartição, a fim de poder tratar da esposa, pois elle se constituira seu principal enfermeiro.

Dando parte ao medico do movimento da enfermidade, este, muitissimo penalizado, achou que não mais deveria occultar-lhe a triste verdade, porquanto eram necessarias algumas precauções. Em poucas palavras declarou-lhe que sua mulher estava atacada da lepra tuberosa e que era urgente separal-a da familia e submettel-a a uma hygiene especial recomendada no caso.

Juliano tendo impassivelmente ouvido esta amarga explicação do facultativo, mudou repentinamente de côr, abaixou a cabeça, e duas grossas lagrimas rolaram dos seus olhos.

Decorreu um momento de angustioso silencio entre ambos, e foi o medico, mais senhor de si, que o rompeu, fallando com voz grave e baixa ao seu interlocutor :

— Não digo que abandones a tua mulher, mas aconselho-te evitar todo contacto com ella, separando unicamente para seu uso os objectos de que necessitar para o tratamento.

Muito asseio no quarto e outros cuidados relativos.

Juliano ouviu tudo isso acabrunhadissimo; e levantando a cabeça perguntou-lhe:

— Dr., não ha então esperanças de salvá-la?

— Sómente por um acaso, o que é carissimo. Porém, diga-me: Na tua familia ou na d'ella, houve disto algum exemplo?

— Que eu saiba, não— respondeu Juliano promptamente.

— Sendo assim, continuou o doutor, trata-se de uma inoculação externa por contagio imprevisto; e é isto a razão pela qual recommenda-se zelo com os acomettidos desse mal, que, além de ser incuravel, tem ainda o inconveniente de fazer muito soffrer o doente material e moralmente.

Póde-se mesmo dizer que padece duplamente. E' uma provação cruciante.

Vou receitar uma medicação para uso permanente; e quando precisar de qualquer consulta, bastará mandar-me um bilhete, porque conhecendo a molestia, não precisarei ver a doente, e assim lhe poupar mais os gastos.

Juliano comprehendeu que o medico o despedia e tambem que não voltaria mais á sua casa...

Por unica resposta, levantou-se, agradeceu-lhe por tudo e retirou-se pressuroso.

Ao penetrar em casa, novas e abundantes lagrimas correram dos seus já entumecidos olhos.

Indo direito ao quarto de Izabel, que estava deitada, sentou-se a um lado da cama, e passou a conversar com ella com palavras animadas, e pegando-lhe nas mãos e correndo os dedos mansamente sobre os vincos da pelle, em vias de suppuração.

Acto continuo, foi á sala onde se achavam sua mãe e tambem a sogra, ás quaes relatou fielmente o que lhe dissera o medico; accrescentando que *não acreditava nisso* . . .

— Mas quando mesmo fosse certo, accrescentou, eu nunca deixarei a minha querida Izabel, a mulher-anjo que Deus concedeu-me. Eu seria in-

digno si contrariamente procedesse, agora que ella deve colher o que plantou no meu coração...

E abaixou tristemente a cabeça.

— Já o sabíamos, interrompeu D. Maria de Nazareth; mas tanto eu como Tavares estamos deliberados a cercar a nossa filha de todo apoio, emquanto ella viva fôr; nem pensamos arredar um só passo do seu leito de dôres...

-- E eu tambem atalhou D. Victoria; pois ella sempre foi o encanto desta vivenda. Cessando para meu filho a alegria, para mim tambem cessou.

— Então . . . — tartamudeou Juliano, — posso contar com os meus paes para commigo velar por Izabel?

— Até á morte -- responderam ambos com os olhos arrazados de lagrimas.

—Agradecido, caras mães; luctaremos cumprindo o nosso dever.

* *

O tratamento medical de tão cruel molestia talvez concorra para mais soffrimento do padecente, uma vez que, como meio palliativo, só serve para alongar o desfecho, que é fatal. O doente vê irem sendo paulatinamente os membros do seu corpo, deformadas as partes componentes da estrutura. Padece atrozmente, penalizando os seus assistentes.

* *

Um anno depois, da pobre Izabel já pouco restava da sua antiga robustez.

Seu rosto estava chagado e edematoso, os olhos encovados e reluzentes; tinha faltas já de alguns dedos das mãos e dos pés; e os diversos tuberculos em suppuração, davam-lhe um aspecto desolador, lastimavel. Pouco se alimentava, porque a garganta estava inflammada.

Juliano, sempre rente a ella, não se importando com a advertencia do medico conseguia diminuir-lhe as dôres pela satisfação que ella demonstrava ante esse amor desmedido. Procurava sorrir-lhe mesmo com a bocca já de labios encrostados, — labios que Juliano ainda queria beijar, disposto como se achava, mas o que ella repellia.

De fóra, ninguém mais.

Os transeuntes evitavam até esse lado da rua

E' sempre assim!

Na opulencia, exercito de amigos; na decadencia, maldições.

Que ninguém se engane com o mundo. Os homens são sempre os mesmos; estando a excepção da regra em minoria estacionaria.

* *

As victimas desse morbus, na sua quasi totalidadeatiradas nos lazaretos, onde muitos padecem toda sorte de privações, pela inclemencia de seus directores ou dos subalternos, outros espalhados pelas mattas a lutarem famintos e nus, contra as intemperies, evitados pelos irmãos, e outros ainda a esmolar, pelos centros das povoações, aturando os despresos dos transeuntes, enfim repellidos até pelos parentes, que fogem do seu contacto, vivem suicidando-se pelo pensamento, porque cada affronta que assim recebem a sua represalia é pedir logo a Deus que *os tire da terra* . . .

E quando chegam ao fim da doença, privados das pernas e dos braços, com as carnes a cahirem aos boccados, infectos, nauseabundos, perseguidos pelas moscas, é então que attinge ao cimo o grau do soffrimento de um leproso.

Os que encontram almas caridosas, poucos recebem algum conforto, isto mesmo com aquella cautela que elles percebem sentidamente, mas que para cumulo de infortunio, se vêm obrigados a aceitar, para mitigar a fome e abrandar a sede.

Não raro se têm verificado casos de familias expulsarem disfarçadamente aquelle dos seus membros que apresenta inequívocos signaes de morphea, como condemnado á exclusão do convívio social; porque, dada como incuravel e contagiosa, sendo seu ultimo periodo um estado deploravel, arrepiam-se temerosos da inoculação.

Porém, (seja dito de passagem) o que os individuos mais receiam é o desprezo em que cahem os leprosos, pela repulsão geral, do que mesmo a doença, que sendo mortal, qualquer outra dava no mesmo.

E' uma particula de orgulho e vaidade, alliada á incomprehensão dos deveres da caridade, que pesa á humanidade.

Si a lepra fosse tão facilmente transmittida, por mais preservação que fosse observada pelos sadios, a julgar pelos diversos conductores de microbios, a sua porcentagem seria crescente, e não diminuta como accusam as estatisticas geraes.

O que a vista deste modo de pensar parece mais consentaneo, é que regula para o contagio bacterio a predisposição individual em tempo apropriado para absorvel-o.

E como este facto consiste em um segredo para as pessoas, é justa a precaução; mas não pelo modo ingrato como é praticada; recusando systematicamente, ao menos, tentar salvar um accommettido desse mal.

*
**

Visto o exposto, e apreciando o facto diametralmente contrario ao que se dava para com Izabel, cremos que ella dignificava a excepção da regra nesse genero de successo, para comprehender si o merecimento faz lei; e que quando um homem se compenetra inteiramente dos seus deveres, se torna elle uma garantia incontestavel para os seus e para o todo social.

Ninguem que tivesse visto Izabel antes da queda a teria reconhecido agora, a não ser as seus quatro delicadissimos familiares, que tinham permanecido sempre junto d'ella.

Juliano pedira demissão do emprego, porque não era mais possivel continuar fazendo parte do quadro, apezar da tolerancia do chefe, que o estimava assaz, dispensando do ponto por mais de 15 mezes, aliás sem reparo dos outros funcionarios, que participavam dos mesmos pensamentos de benevolencia; lamentando todos a desgraça que feria seu distincto compaheiro.

*
**

Veio o fim.

Corria o anno de 1888 quando invadiu o paiz uma epidemia chamada *influenza*, originaria da Italia, o que actualmente é conhecida por *grippe*.

Percorrendo os diversos Estados do Brazil, penetrou no de Matto Grosso, apparecendo na localidade onde existiam as personagens desta narrativa.

Os primeiros accommettidos foram os que soffreram enfermidades chro-

Paginas dos Mestres

O estouro da boiada



SEGUE a boiada vagorosamente, á cadencia daquelle canto triste e preguiçoso. Escanchado, desgraciosamente, na sella, o vaqueiro, que a revê unida e crescida de novas crias, ruma os lucros provaveis: o que toca ao patrão, e o que lhe toca a elle, pelo tracto feito. Vai dalli mesmo contando as peças destinadas á feira; considera, aqui, um velho boi que elle conhece a dez annos e nunca levou a feira, mercê de uma amizade antiga; além um mumbica claudicante, em cujo flanco se enterra estrepe agudo, que é preciso arrancar; mais longe, mascarado, cabeça alta e desafiadora, seguindo apenas guiado pela compressão dos outros, o garrote bravo, que subjogou, pegando-o, de saia, e derrubando-o na caatinga; acolá, soberbo, caminhando folgado, porque o respeitam, abrindo-lhe em roda um claro, largo pescoço, envergadura de bufalo, o touro vigoroso, inveja de toda a redondeza, cujas armas rigidias e curtas relembram, estaladas, rombas e cheias de terra, guampaços formidaveis em lucta com os rivaes possantes, nos logradouros; além, para toda a banda, outras peças conhecidas todas, revivendo-lhe todas, uma a uma, um incidente, um pormenor qualquer da sua existencia primitiva e simples.

E proseguem, em ordem, lentos, ao toar merencorio da cantiga, que parece acalental-os, embalando-os com o refrão monotono:

nicas ou occultas, e cujo estado de latente fraqueza facilitava a absorpção do microbio epidemico.

Juliano viu logo o perigo a que por isso estava exposta sua mulher, que, apesar de tudo, elle no auge do seu louco amor, não queria que morresse...

Tratou immediatamente de augmentar a desinfeccão da casa por meio de fumaças anti-microbianas, isto repetidas vezes nos compartimentos de entradas.

A epidemia, que era desconhecida, rapida em sua acção, fez logo algumas dezenas de victimas, além grande numero de atacados. Os dias, porém, de Izabel estavam contados.

O pestilento sopro varejou-lhe a casa indo alojar-se nos seus debilitados pulmões. A febre pouco depois irrompeu alta, e as juntas do organismo pareceram suspensas, em seus movimentos inflamando-se com rapidez os focos tuerbosos.

Veio mais o delirio em consequencia do maximo grau da febre, acompanhada de obstinada tosse.

Juliano, a principio, usou das preparações sudorificas que nenhum resultado tiveram; depois administrou-lhe o oleo de ricino, mas cujo effeito foi mero palliativo porque no terceiro dia pareceu o symptoma do tetano. . . .

Era noite quando Izabel entrou em agonia. O mais lastimavel spectaculo teve então lugar n'aquelle recinto de dôr e consternação: de um lado do leito as duas matronas, mãe e sogra; aos pés o velho Tavares e d'outro lado, ajoelhado, segurando as mãos da moribunda, o desditoso consorte, todos a soluçar derramando copiosas lagrimas.

Esta hora de tristissima apparencia e que só rara penna poderia descrever, desfaz simplesmente a architettura de nossas illusões mundanas, para desengano do ser material.

Izabel, que já pouco fallava, lutando com as contorções do ataque, fixou ternamente os olhos quasi vidrados em seu esposo, e disse-lhe com voz sumida, mas que elle ouviu perfeitamente, estas ultimas palavras:

— Juliano, eu morro amando-te. . . . — e cessou de respirar, um grito alarmante partiu deste; e os quatro assistentes entoaram um coro de lamentações que exprimia a mais acerba dôr.

.....

No trigesimo dia do passamento da pranteada fallecida, pela tarde, no cemiterio da cidade, quatro pessoas em rigoroso luto estavam ajoelhadas e orando sobre uma sepultura no extremo da qual fôra alçada uma cruz, pintada de preto e que no braço tinha pregada uma larga chapa com a seguinte inscripção:

I. T. M.

MEMORATUS

Cáceres — 6 — 1929

J. Campos Vidal

E cou... mansão ..

E cou... é cão!...

Echoando saudoso nos descampados mudos...

De subito, porém, ondula um fremito sulcando, num estremeção repentino, aquelles centenares de dorsos luzidios.

Ha uma parada instantanea. Entrebatem-se, enredam-se, trançam-se e alteiam-se, fisingando vivamente o espaço e inclinam-se milhares de chifres. Vibra uma trepidação no solo; e a boiada estoura...

A boiada arranca.

Nada explica, ás vezes, o acontecimento, aliás vulgar, que é o desespero dos campeiros.

Origina-o o incidente ' mais trivial - o subito vôo rasteiro de uma araquan ou a corrida de um mocó esquivo.

Uma rez se espanta e o contagio, uma descarga nervosa subitanea, transfunde o espanto sobre o rebanho inteiro.

E' um solavanco unico, assombroso, atirando, de pancada, por deante, revoltos, misturando-se embolados, em vertiginosos disparos, aquelles massiços corpos tão normalmente tardos e morosos.

E lá se vão: não ha mais contel-os ou alcançal-os. Acamam-se as caatingas, arvores dobradas, partidas, estalando em lascas e gravetos; desbordam de repente as baixadas num marulho de chifres; estrepitam, britando e esfarelando as pedras, torrentes de cascos pelos tombadores; rola surdamente pelos taboleiros ruido soturno e longo de trovão longinquo...

Destroem-se em minutos, feito montes de leivas, antigas roças penosamente cultivadas; extinguem-se, em lameiros revolvidos, as ipueiras rosas; abatem-se, apisoados, os pousos; ou esvasiam-se, deixando os habitantes espavoridos, fugindo para os lados, evitando o rumo rectilineo em que se despenha a «arribada»,—milhares de corpos que são um corpo unico, monstruoso, informe,

indescriptivel, de animal phantastico, precipitado na carreira douda. E sobre este tumulto, arrodando-o, ou arremessando-se impetuoso na esteira de destroços que deixa após si aquella avalanche viva, largado numa disparada estupenda sobre barrancas, e vallos, e cerros, e galhadas-enristado o ferrão, redeas soltas, soltos os estribos, estirado sobre o bombilho, preso ás crinas do cavallo-o vaqueiro!

Já se lhe têm associado, em caminho, os companheiros, que escutaram, de longe, o estouro da boiada. Renova-se a lida: novos esforços, novos arremessos, novas façanhas, novos riscos e novos perigos, a despender, a atravessar e a vencer, até que o boiadao, não já pelo trabalho dos que o encaçam e rebatem pelos flancos senão pelo cansaço, a pouco e pouco afrouxe o estaque inteiramente abombado:

Reaviam-no á vereda da fazenda, e resoam, de novo, pelos ermos, entristecedoramente, as notas melancolicas do aboiado.

Euclides da Cunha

PAGINAS CONTEMPORANEAS

Heroe Carlyleano

Entre os brasileiros, cuja nomeada vae resistindo á usura do tempo, sobreleva a individualidade singular de Couto de Magalhães, paisano afeito ao convivio das leis, a quem o Governo Imperial galardoou com as honras de general, em lembrança de um dos seus arrojados feitos.

Desprezando outros titulos, que poderia merecidamente annexar ao seu nome illustre, conservou até o fim da vida a recompensa dignificante, que lhe assignalou um dos aspectos do talento multiforme, capaz de revelar-se em qualquer applicação.

Neto de José Vieira Couto, o naturalista da era colonial, que observou com olhos de sabedor o que se passava nas minas da sua terra, para lhes apontar os defeitos de exploração, e do mesmo passo indicar medidas que a melhorassem, as tendencias ancestraes não deixariam de inclinar-lhe o espirito para as pesquisas no amplo laboratorio da natureza.

Desviado para outra especialidade, porém, graduou-se em leis, sem contrariar os pendores intimos que, a pouco e pouco, foram abrolhando em manifestações incoerciveis, que lhe augmentaram a fama.

Deveria-tel-a sobremodo lisonjeira, desde a mocidade, quando, aos 24 annos, o distinguiu a nomeação de Presidente da Provincia de Goyaz.

POSTO Á PROVA

Um quinquennio mais tarde, outro cargo lhe caberia, como se pretendesse o Governo exprimentar-lhe a competencia em varios sectores.

Qual raivosa maré, que boja avassaladora e alaga as quietas planuras indefesas, assim a invasão paraguaya, de 1865, não encontrando resistencia que lhe refreasse a marcha, alastrou-se pelos districtos sulinos de Matto-Grosso, oude cuidou de fixar-se pela occupação definitiva.

Organizou, como provincias subordinadas ao dictador, as regiões conquistadas, cujo contacto com o resto do Imperio se perdeu.

Sómente na periphéria rondas esparsas diligenciavam seguir as evoluções dos pelotões victoriosos.

A investida fulminante das hostes aguerridas surpreendeu na presidencia de Matto-Grosso um general desprovido de recursos para enfrental-a. De mais a mais, sómente guardava o posto enquanto esperava o successor, F. Carneiro de Campos, que Lopez aprisionou em Assumpção, ao romper as hostilidades.

Destituído de suas funcções, de que solicitara dispensa, para tornar ás fileiras, Albino de Carvalho encontrara substituto em outro veterano de velhas lutas, A. Leverger, que, do mesmo passo, garantiu a defesa da região central de Matto-Grosso e estimulou, com as suas providencias, com os seus conselhos, com a sua experiencia, o arremesso da columna Fonseca Galvão, de Coxim, onde se paralyzara, para os districtos meridionaes, que o inimigo dominava.

Mas, contrariado pelo Governo Imperial, na proposta de substituição do commandante da Guarda Nacional, que lhe parecia indispensavel á boa acção administrativa, a altivez que lhe notabilizava os actos, afastou-o do poder, entregue ao detentor interino.

Graves continuavam as circumstancias, posto que attenuadas, em relação a Cuiabá que os invasores já não tentariam assaltar, depois da defesa improvisada por Leverger.

A provincia toda deveria permanecer feito quartel, em guarda contra novas surpresas, quando não pudesse desferrar-se das primeiras, que lhe arrebataram Corumbá, Nioac, Miranda e toda a campanha circumjacente.

Fazia-se mistér um pulso forte no Governo, de sufficiente tirocinio administrativo e capaz de resolver as difficuldades militares que se lhe deparassem.

Para succeder a Leverger, guerreiro, que se recolheu discretamente ao gabinete de estudo, para melhor servir a sua terra adoptiva, a escolha imperial preferiu o jovem paisano, que se estreara na governança, poucos annos antes, em Goyaz.

Beirava de 30 annos, quando Couto Magalhães recebeu o oneroso encargo de governar Matto-Grosso, em principio de 67.

Menos o seduziriam, porventura, os ardores bellicosos, cuja lembrança manteve dahi por diante no proprio nome até então laureado apenas de palmas academicas, do que as possibilidades de realizar os seus emprehendimentos de sonhador optimista, que o sertão empolgava.

Entra assim na phase mais curiosa da sua existencia, cujo estudo debalde tentará quem o não acompanhar nesses dois annos fecundos, que lhe assignalaram a individualidade.

Ahi experimentou as mais intimas emoções, que jamais esqueceria pela vida afóra.

Ahi completou a evolução do seu espirito, que encontrou ensejo de revelar-se em toda a sua pujança.

CONFERENCIA GLORIFICADORA

Por isso, bem houve o Centro Mattogrossense de Letras em incluil-o entre os seus patronos, a quem deveria ser dedicada homenagem condigna.

Coube a José de Mesquita rememorar-lhe os feitos assignalados e do mesmo passo analyzar-lhe a personalidade singular.

Proteiforme em sua actividade, Couto de Magalhães roteou frequentemente varias regiões predilectas ao panegyrista, que ahi encontrou sobejos motivos para enaltecer-lhe a memoria, sem deixar os themas, que lhe inspiram a penna de escriptor consumado.

Por isso, «Um paladino do nacionalismo» aflorou entre a bibliographia referente ao discutido presidente de S. Paulo que a proclamação da Republica apeiou do poder, para afastal-o da vida politica, feito obra modelar de elogio academico, embebido de suave sympathia.

Em verdade, sem a perfeita identificação com o assumpto, debalde tentará qualquer autor ultimar obra que sirva para transmittir aos leitores a impressão, que pretenda, de sinceridade nos louvores a que o obriguem os estatutos de gremios literarios. Ainda, porém, que não tivesse escolhido Couto de Magalhães para o patrono da sua cadeira, no Centro Mattogrossense de Letras, algum dia José de Mesquita seria forçosamente compellido a estudar a empolgante individualidade, cujo nome se gravou nos annaes de Matto-Grosso, gabado por uns, praguejado por outros.

Afinal, os louvores, endereçados aos biographados, não pas-sam, as mais das vezes, de maneira inconsciente do biographo enaltecer as qualidades, que possue.

Com ligeiras alterações de nomes, as biographias, em geral, podem transformar-se em autobiographias, como certos romances espelham a personalidade do romancista.

Bem fez Carducci em excusar-se, de uma feita, de commentar a Divina Comedia, apesar de ter o espirito aberto a todas as grandes correntes classicas de literatura.

Tinha, porém, para si, que a obra genial de Dante reclamava, para interpretá-la, á justa, a mentalidade catholica, de que elle carecia, como livre pensador.

Mas em Couto Magalhães, poudo José de Mesquita descobrir as feições de um batalhador em prol dos mesmo ideaes em que se abraza.

Na Faculdade de Direito de S. Paulo, beberam ambos os ensinamentos, que lhes moldaram a consciencia juridica, apanagio do panegyrista, que cedo ingressou na magistratura, a que serve com a sua intelligencia peregrina e rectidão de character.

Sobranceiros ás influencias negativistas do ambiente escolar, mantiveram ambos a fé religiosa, trazida desde a meninice, reforçada pelos estudos ulteriores.

A diversidade de carreira escolhida, em que se distanciaram, na vida pratica, levado um pela politica, e outro entregue, de todo, ao fôro, não foi motivo para que deixassem de cultivar o mesmo insopitavel sentimento, que rompe das suas obras— o patriotismo sadio e elevado.

Para servil-o, Couto Magalhães escreveu as suas melhores paginas, inclusive "O Selvagem", documento expressivo dos conhecimentos ethnographicos adquiridos em viagens através dos sertões, governou operosamente as provincias, cuja presidencia lhe tocou, e iniciou a ligação com o littoral da região araguayana, onde faisca o diamante, por meio da navegação a vapor, inaugurada em circumstancias extraordinarias, durante a guerra, quando resolveu transportar, pelo dorso do planalto matogrossense, de um dos tributarios do rio Paraguay, para o contravertente da bacia amazonica, o Araguaynerú-assú, navio em cujo bordo, a 28 de Maio de 1868, sulcou as aguas do Araguaya.

Cerca de meio seculo depois, José de Mesquita palmilhou, em nupcias com a judicatura na longingua recente comarca sertaneja, a mesma região, de onde sumira o perigo das tocaias indigenas, que tanto perseguiram a expedição transportadora da carga civilizadora.

Deleitaram-lhe a retina os majestosos panoramas que dynamitaram o entusiasmo do autor da "Viagem ao Araguaya.,,

Mas, do serviço de navegação organizado por J. V. Couto de Magalhães já nenhum vestigio restava.

O tempo tudo consumira, como inconsistente utopia de ousado sonhador.

Permanecera, todavia, a tradição, com qual o ensaista completou a evocação da obra mais caracterizadora das tendencias de Couto Magalhães.

Ahi se estadeou, em toda a pujança, o seu claro nacionalismo, e o descortino do empreendedor que attentava nas condições do futuro mais do que nas contemporaneas.

Commungando nos mesmos ideaes de patriotismo e religião, a José de Mesquita suave lhe teria sido a tarefa de relembrar, á curiosidade moderna, o vulto imponente do patrono, cujo perfil insculpiu em prosa escorreita.

O BATEDOR DOS SERTÕES

Mas J. V. Couto de Magalhães não foi somente o politico, paladino do nacionalismo, e catholico praticante. Celebrizou-se tambem como viajor, louvado recentemente por R. de Moraes que, no seu dizer elegante, bosqueja os quadros das explorações do sertanista, mas, extranho á vida matogrossense, não poderia acompanhá-lo a par e passo.

A autoridade do escriptor, lograda pelo seu estylo colorido e competencia no versar assumptos attinentes a Amazonia, exige essas restricções ao que estampou no "Cruzeiro" ultimo.

"As vezes, informa em seu phrasear apurado, num luxo de desprezo pelos perigos, fazia (C. de M.) essa jornada as avessas, para ter uma olhadella de condor e numa escalada de titan, as fontes mansas ou gorgolejantes do Xingú, do Tapajós, do Maués, do Arapuanã, do Machado, do Jamarý e do Guaporé, verterem, lá da encosta escavada ou do paul escuro, o fio liquido..."

Não obstante seduzido pelo encanto da prosa, duvidamos que tenha Couto de Magalhães observado os manadeiros dos rios citados, muitos dos quaes só ingressaram na cartographia nacional após as explorações da Commissão Rondon, já neste seculo.

"E vinham, então, na ronda feiticeira das divindades sylvestres, o mapinguay, a matintapererê, o curupira, o jurupary, que desnorream e perdem os encantos".

Parece-nos que, apesar de espalhadas por grande parte do Brazil, essas criações populares não se acham tão diffundidas em Matto-Grosso, como suppõe Raymundo de Moraes, ao fazel-as assumpto predilecto das conversas dos expedicionarios, que participaram heroicamente da aventureira commissão de 67, que transportou, cruzando a linha da cumiada interjacente, o navio destinado a trafegar no Araguaya.

A ousadia, sem duvida, escaldava a imaginação do então Presidente de Matto-Grosso, e lhe dava meios de estimular os seus collaboradores, mas não se póde, fóra de justiça, aquinhoal-o, como fez Raymundo de Moraes, em periodos eloquentes, com todas as honras da execução do grandioso plano, que delineou.

O projecto brotou-lhe da mente fecunda, mas para a concretização, valeu-se da experiencia traquejada do sertanista Antonio Gomes Pinheiro, consoante depõe Estevam de Mendonça, de cujas datas vem a ponto a transcrição abaixo: « 27 Maio de 1867. Partem de Cuiabá os vapores de guerra "Alpha" e Jaurú" com destino ao rio São Lourenço, e em desempenho de serviço militar. Levaram a reboque o casco do pequeno navio Cuiabá, antigo auxiliar da Companhia de Navegação do Alto Paraguay, no trecho compreendido entre esta Capital e o ponto de Melgaço.

la com as obras mortas desmanchadas e com as machinas encaixotadas, e destinava-se á navegação do Araguaya. Ate o Piquiry, affluente do S. Lourenço, o Cuiabá foi por aquella fórma conduzido; do Pequiry, agua acima, foi levado á sirga até o ponto denominado Tauá, onde o encarregado dessa commissão, 1º Tenente da Armada Pedro David Durocher, o entregou ao honrado sertanista Antonio Gomes Pinheiro".

A este desconhecido collaborador coube, assim, a gloria da travessia da embarcação, pela lombada do Araxá brasileiro, ao tempo em que J. V. Couto de Magalhães organizava a sua divisão para livrar Corumbá do jugo estrangeiro.

Ainda neste particular, as circumstancias de momento fizeram no repartir com outrem as laureas do triumpho.

O commandante supremo das forças expedicionarias era elle, fóra de duvida, mas a victoria preferiu Antonio Maria Coelho, que, auxiliado por destemidos auxiliares, houve mister de apressar a manobra combinada, e investir, com a sua columna, contra a a guarnição inimiga, antes da chegada, por outro flanco, do grosso da força a cuja frente se achava o proprio Presidente, que, todavia, foi galardoado com as honras de General.

Tão fundo se lhe gravou a lembrança desse episodio militar, que, não obstante pacifico de indole, e inclinado ao estudo de questões de outra especie, jamais desprezou o titulo, que o desvaneceu.

A sua gloria, porém, não procederá de tal feito. Provém, ao contrario, de outras actividades, a que applicou o espirito curioso, e o corpo inacessivel ao cansaço, que o levou, sertões a dentro, por leguas e leguas de caminhada, em procura de aspectos empolgantes da terra, e costumes e linguagem da gente desconhecida, que analysou, com abundante ternura, para maior relevo dar-lhes á collaboração nos destinos do paiz.

Foi, em seu tempo, o mais complexo padrão de brasilidade, homem de salão e sertanista ousado e por isso bem merece as homenagens que lhe tributa a posteridade.

V. CORRÊA FILHO

(Do " Jornal do Commercio " do Rio, de 23 / 6 / 1929).

Paginas Esquecidas

A Flôr de Neve

Se a neve fosse planta e flôr tivesse,
Tu serias da neve a flôr, gerada
Da fria viração ao tenue sopro,
A' luz da lua, aos beijos de uma fada.

Se a neve fosse planta e flôr tivesse,
Tu serias da neve a flôr, mais bella
Que brilhando na etherea immensidade
Fanal de amor, adamantina estrella.

Se a neve fosse planta e flôr tivesse,
Tu serias da neve a flor tão pura!
Ah! teriam em ti achado os homens
O symb'lo da mais candida ventura!

Se a neve fosse planta e flôr tivesse,
Tu serias da neve a flôr bemdita...
Causarias ciume aos proprios lyrios
Que dos jardins do céu a briza agita.

Se a neve fosse planta e flôr tivesse,
Tu serias da neve a flôr querida,
No meio dos invernos—primavera,
Sobre o gelado chão—ardor da vida!

Melhor que a flôr de neve és tu, formosa,
Alvo anjinho do céu baixado ao mundo,
Para servir de typo de belleza
E os preitos receber do amor profundo!

Antonio Gonçalves de Carvalho



PAGINAS DOS NOVOS

OLINDA

Quem já leu a historia do Brasil colonial, onde se encontra a abençoada abnegação dos que viveram luctando pela conquista da liberdade, certamente não esqueceu aquella maravilhosa cidadezinha banhada pelo Atlantico, ha tres mil braças de Recife, e quasi no ponto mais oriental da America latina. E' a famosa Olinda, uma das nereidas que mais se distingue, não só pelas suas bellezas naturaes, como tambem pelos seus antepassados que têm sido cantados pelos poetas evocadores daquelles grandiosos feitos perpetuados em engastes de oiro nas paginas da nossa historia patria.

Alguma cousa grandioso ha na antiga capital pernambucana, onde Duarte Coelho Pereira fez o seu reducto de protecção-catechizando, desbravando e conquistando a terra bravia dos gentios com a coragem de um destemido, sob a egide de sua fé religiosa. E lá está por elle edificada a mais famosa cathedral do nordeste brasileiro, o grito mais eloquente do christianismo na America, a semente plantada e perpetuada, num monumento verdadeiramente maravilhoso, numa custosa architectura gothica de ha mais de tresentos annos. . .

Olinda, como as velhas cidades historicas, fala á posteridade na mudez serena de suas velhas habitações que representam a perfeita illustração de sua historia passada. Felizmente o vertiginoso progresso do seculo que atravessamos, não conseguiu apagar as reliquias que o passado nos legou naquella mystica cidade, onde se conservam os velhos palacios senhoriaes que serviram a fina nobresa pernambucana, senhora do mais requintado luxo, das sêdas mais puras, e das mais finas pedrarias. . .

Aquella cidade - mulher faz recordar a historia de suas grandes paixões, do seu passado aureo nos primeiros tempos do Brasil colonial, a vivacidade tangida pela alma academica intelligentemente vibratil, sob o patrocínio da primeira Faculdade de Direi-

to do norte do Brasil, que então funcionava em uma das grandes dependências do mosteiro de S. Bento.

Pelo rio Beberibe a cidade de Recife era acessível as canôas, onde se viam quotidianamente academicos de direito que residiam lá, e preferiam aquelle meio de transporte por ser o mais economico. Carruagens custosamente aparelhadas faziam aquelle trajecto pela estrada real que liga os duas cidades irmãs.

Hoje, o bonde electrico succedaneo de uma primitiva estrada de ferro, em vinte minutos, faz aquelle trajecto, transportando centenas de pessoas que lá residem e são funcionarios publicos em Recife, e mais ainda os ricos que vão em novembro gozar as delicias daquella cobiçada cidade balnearia, possuidora das mais elegantes praias do norte do Brasil, quer pela sua belleza artisticamente arranjada pelas mãos do homem, quer pelo panorama de seus sombrios e verdejantes coqueirões, soltos ao vento, murmurantes, ciciantes, parecendo querer contar toda a historia daquella lendaria cidade que, na sua quietude patriarchal, ao longe se descortina sob a immobilidade petrea das torres de seus mosteiros seculares, que se perdem nas alturas do céu azul da brava terra do nordeste brasileiro.

Cuyabá 12 — 2 — 930.

Ernani Lins da Cunha





Publicações recebidas

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

I

Livros e opusculos:

Quem é o papa? — carta pastoral—D. Aquino Corrêa.
Carta ao meu Vigário Geral — D. Aquino Corrêa.
O discurso do Gymnasio — Dr. Deraldo Dias.
*Codigo do Processo Civil e Criminal do E. de Mat-
to Grosso* (Projecto).--Dr. José Jayme F. de Vasconcellos
A vida — Gaspar Guimarães
Adolescencia — versos — Campello de Almeida
Leverger— o Bretão Cuiçabanizado— V. Corrêa Filho
Guia Commercial de Cuiabá -- J. de Andrade Ju-
nior.

II

Revistas:

Revista da Academia Brasileira de Letras—N^{os} 91 a 96
Revista Militar Brasileira—anno XIX, Vol. XXVIII
(Julho a Setembro 1929).
Bôas Estradas — orgam da A. P. B. E. anno X.
Revista do Instituto Historico de Matto Grosso — an-
no XI, Vols. XXI e XXII.

Revista Commercial de Cuiabá, - organ da A. C. de C. - anno I nº 2 (2ª phase).

A Violeta---organ do G. J. Lopes

O Internato—organ dos alumnos do Internato "Oswaldo Cruz" - Campo Grande - Anno II. n. 7

Gazeta clinica - S. Paulo - anno XXVII nº 9

Columbia - revista latino-americana de cultura - nº 8

III

Jornaes

A Tribuna

A Cidade

Corumbá

Correio do Sul

Jornal do Commercio

Diario do Sul

A Campanha

Campo Grande

A Noticia

Gazeta do Commercio

Tres Lagôas

Gazeta do Sul

O Libertador

Aquidauana

A Razão—S. L. Caceres

O Matogrossense—S. A. Paranayba

Gazeta Official

O Democrata

A Cruz

O Matto-Grosso

O Jornal

O Pequeno Mensageiro

A Plebe

A Penna Evangelica

de Cuiabá

Pharmacia Americana

DE

B. Oliveira & Rondon

Rua 13 de Junho, 181 (esquina). Teleph., 32.

Grande sortimento de drogas e preparados pharmaceuticos nacionaes e estrangeiros.—Sortimento completo de Homeopathia em tinturas e globulos, Perfumarias—Nacionaes e estrangeiras:

Preços modicos

Consultorio Medico Permanente

Dr. Caio Corrêa e Dr. Agricola S. de Barros

das 15 ás 17 horas

CUIABÁ—MATTO-GROSSO.

Lotufo & Irmão

Com Fabrica de beneficiar arroz e
Casa de Ferragens,

Moveis,

Artigos Sanitarios etc.

Rua 7 Setembro 1

Telephone, 275

CUIABA'

MATTO-GROSSO